O CAMPEÃO DAS PROVINCIAS

ANNO XLIII

Assignaturas: SEM ESTAMPILHA: Anno, 4$000 réis; Semestre, 2$000 réis; Trimestre, 1$000 réis; Avulso, 40 réis. COM ESTAMPILHA: Anno, 4$500 réis; Semestre, 2$250 réis; Trimestre, 1$125 réis; Avulso, 45 réis.—Pagamento adeantado.

PUBLICA-SE AS QUARTAS E SABBADOS

QUARTA-FEIRA 29 DE NOVEMBRO DE 1893

Publicações: Correspondencias particulares, 40 réis por cada linha, no typo commum do jornal Annuncios, 30 réis por linha; Repetições, 20 réis, accrescendo o imposto do sêllo.—Recebem-se annuncios annuaes, mediante contracto especial.

NUMERO 4:319

E' um dos nossos correspondent r em Pariz **Monsieur A. Lorette.**—Rua Caumartin, 61.

SUMMARIO: — A questão politica.—Verdades como punhos.—Partido progressista. — Representação.— Noticias do estrangeiro.—Carta de Lisboa.—Noticiario.—A crise.—O anarchismo.—O sr. José Dias Ferreira em 1870 em confronto com o sr. José Dias em 1892.—A carta pastoral do ex.mo e rev.mo sr. arcebispo de Evora.—Carta circular.—Vinhos portuguezes e hespanhoes.—A grande industria.—Cartas de Cadima.—Noticias diversas.—Secção litteraria.—Bibliotheca Historico-Politica.

AVEIRO

A questão politica

Conduz-se a imprensa ministerial por um caminho de hesitações e de duvidas, que a ninguem é facil comprehender, nem qual será, a final, a ultima palavra ou a derradeira expressão das resoluções do governo.

Ora energica na defeza da dissolução, ora d'uma extrema preplexidade cobrindo a retirada para o caso de duvidas, não é facil realmente predizer qual será a solução porque o governo optará. Affirmam uns que elle se demitte, e este é o conselho bom dos homens experimentados e sabedores, dizendo outros que elle se não contenta apenas com a dissolução, mas vae appellar ainda perante a corôa por uma recomposição.

Não sabemos, pois, se o governo insiste ou desistirá dos seus propositos inconstitucionaes, mas é de presumir, queremos fazer essa justiça ao bom criterio do seu illustre chefe, que antes de tomar uma resolução definitiva, medite sobre o assumpto e peze as consequencias e as responsabilidades dos seus actos, em relação com os interesses do paiz, com o prestigio das instituições e com os salutares principios da constituição, da honra e do dever.

Confiamos ainda da reflexão e do tino pratico do sr. conselheiro Hintze Ribeiro, que é sem contestação o vulto proeminente do seu partido, que o seu bom senso e patriotismo prevalecerá sobre os maus propositos partidarios do seu collega do reino, não pretendendo obrigar a corôa á violencia extrema de uma dissolução intempestiva, para annuir irreflectidamente a sugestões ou exigencias da brava galopinagem eleitoral. Não é para tanto o momento. Um acto mau do governo pode perdel-o e perder-nos. Uma imprudencia, uma irreflexão, um passo em falso, pode arrastar-nos para o pezo angustioso das tormentas, lançando-nos a todos no perigo das luctas apaixonadas, das luctas de sangue, das luctas de morte.

A dissolução é um attentado violento contra o espirito liberal do povo portuguez, contra as instituições do reino e contra a carta constitucional.

A recomposição seria uma burla antes de tudo, para constituir depois um favor da corôa que seria unico nas condicções actuaes, pois que não ha memoria d'outro assim nos annaes ou registos parlamentares de nenhum paiz.

Ora nós, que temos pelo honrado caracter do nobre presidente do conselho e pelas suas inegaveis qualidades de estadista o profundo respeito que lhe é devido, fazemos a justiça de crêr que sua ex.ª não acceitará tamanhas responsabilidades, e perferirá sahir forçado pelo dever, mas de fronte erguida, a ceder em obediencia a sugestões dos corrilhos e arriscando com um mau passo a estabilidade das instituições e a paz serena que nos tem permittido cuidar com dedicação dos destinos do paiz.

Verdades como punhos

Um jornal monarchico de Lisboa, que não é progressista, commentando as ameaças da imprensa regeneradora, quando affirma que o governo actual tem feito importantes serviços ao paiz, dando ás questões financeira e economica uma direcção conveniente; em contraposição a isso escreve com notavel precisão e verdade o seguinte:

> Segundo escreve a «Tarde», o sr. presidente do conselho quando procurou o illustre chefe do partido progressista para um accordo sobre a dissolução ponderou-lhe, que durante os oito mezes que está de posse do poder, resolveu questões de alta importancia, como a dos crédores externos, a dos caminhos de ferro e a da revisão do orçamento, além de ter tomado medidas tributarias de notavel alcance.
>
> E' verdade!
>
> Resolveu a questão dos crédores externos, dando-lhes sociedade no augmento do rendimento das alfandegas e no beneficio do premio do ouro, quando nem o terço em ouro podia satisfazer, e deixando-os ainda assim todos a gritar!
>
> Resolveu a questão dos caminhos de ferro, adiando a resolução para as calendas gregas e contemplando de prompto quarenta e tantos amigos com os haveres dos obrigatorios, que, vae em dois annos, não recebem um real de juro pelas suas obrigações!
>
> Reviu os orçamentos, fazendo economias no papel, que tem pago á custa do thesouro e criando, já a mais, perto de 4:000 contos de divida fluctuante!
>
> Tão notaveis foram as suas medidas tributarias, que a principal da incorporação do real d'agua no imposto predial, nem exame mereceu á commissão de fazenda, e a da contribuição industrial, representa uma monstruosidade de tal ordem que nem foi, nem poderá ser executada.
>
> Com esta folha de serviços, se em Portugal houvesse a mais pequena consideração pelos interesses publicos, não era a dissolução das côrtes que devia ser decretada, era a destituição dos ministros que devia ser imposta.

Simplesmente exacto o que acaba de ler-se. Um governo que não tem feito senão despauterios, que nos deu os exercicios militares do outomno em que se gastaram mais de 100 contos, o governo que nos deu uma junta do credito publico fartamente estipendiada, e que tem feito tudo o mais que é geralmente sabido, quer fazer eleições **procurando perpetuar-se no poder!**

Não faltava mais nada. O paiz é feudo da regeneração, partido depauperado e repleto de vicios d'administração que lhe corroem a existencia já tão precaria e incerta.

Querem lucta e pretendem malquistar a coroa com o paiz. Pois caminhem e se o conseguirem serão muito felizes.

Partido progressista

Fiel aos seus principios nobilissimos e mantendo as suas velhas e honradas tradições gloriosas, a reunião da commissão executiva do partido progressista, realisada no sabbado ultimo, em casa do nosso illustre chefe, sr. conselheiro José Luciano de Castro, resolveu unanimemente:

1.º— Approvar com louvor o procedimento nobre do chefe do partido na sua conferencia com o sr. presidente do concelho de ministros;

2.º — Anthorisal-o a proceder na actual conjunctura conforme julgar mai coveniente aos interesses do paiz e do seu partido;

3.º — Convocar uma assembleia geral do partido, com representação dos centros das provincias, caso se realise a dissolução das camaras, que o partido progressista considera attentatorio dos principios constitucionaes;

4.º—Acceitar o poder quando elle lhe sefa offerecido.

Representação

Assentindo á publicação que nos é pedida, do documento que segue, fazemol-o com prazer, por isso que o pedido encerra apenas um acto de pura justiça:

SENHOR. — A commissão executiva delegada do congresso dos proprietarios e lavradores dos campos do Mondego, no fiel cumprimento da sua missão, não póde deixar de ir, mais uma vez, e respeitosamente como sempre, á presença de vossa magestade, supplicando-lhe instantemente a graça de ordenar pelo seu illustrado governo, a execução de promptas e efficazes providencias em favor dos mesmos campos, os quaes já muito prejudicados pelas successivas invasões de areias que lhes cobrem grande parte da superficie, acabarão por converter-se, dentro de poucos annos, em extensos e estereis areaes, e em profundos lagos e pantanos, que, depois de terem arrastado á miseria milhares de familias que tinham n'aquelles famosos campos a sua fortuna, e de haverem largamente prejudicado o thesouro publico, levarão as doenças e a morte aos habitantes das numerosas povoações que os circumdam.

Senhor! — O estado desgraçadissimo a que chegaram os campos do Mondego e a completa ruina imminente que os ameaça, são factos que não se occultam já a ninguem. Todos os que os observam reconhecem e lamentam tão grande calamidade. E poderá o coração bondoso de vossa magestade deixar de commover-se diante de tão triste quadro? Olhal-o-hão com indifferença os seus illustrados ministros? Ninguem por certo o acreditará. Mas se tal, por fatalidade, houvera de acontecer, não caberia d'ahi nenhuma responsabilidade aos supplicantes, porque ao menos teriam elles cumprido conscienciosamente o seu dever.

Real senhor.—O alveo do rio Mondego tem sensivelmente alteado pelas areias que as inundações para elle acarretam; e esse alteamento não tem sido, como devera ser, acompanhado com obras de reparo e reforço das mottas respectivas e outras; nem por descarregadores apropriados que, derivando uma parte das aguas, alliviem as mesmas mottas do peso e influencia das impetuosas correntes nas occasiões das cheias.

A consequencia necessaria e inevitavel tem sido, como não podia deixar de ser, rebentarem esses fracos diques, ora num ponto, ora noutro ainda em cheias medianas; rompendo pelas quebradas enormissimo volume das areias conjunctamente com as aguas e arruinando completamente os terrenos por onde se estabelecem as correntes destruidoras em vasta superficie. E' isto que tem ancontecido nos ultimos annos e o que ha-de fatalmente acontecer sempre se não se adoptarem—*e levarem á execução*— as providencias que repetidas vezes tem sido pedidas aos governos de vossa magestade.

Foram algumas d'essas providencias, é verdade, já ordenadas; mas infelizmente sem resultado proficuo.

Por portaria de 27 d'Agosto de 1892 mandou o governo de vossa magestade, sobre o importante parecer d'uma numerosa commissão de engenheiros respeitaveis, proceder á construcção de dois descarregadores utilissimos; um na margem direita do rio Mondego, attravez da motta real do choupal, e outro na margem esquerda do mesmo rio; bem como á reparação e reforço das suas arruinadas mottas, e bem assim á reabertura da valla da Cova para esgoto dos respectivos campos lateraes, o que em parte havia já sido ordenado egualmente pela portaria de 16 d'Agosto de 1889.

E' preciso, porém, saber-se — e dizemol-o com mágua profunda — que pelo respeitante a descarregadores (tão necessarios e indispensaveis), o da margem esquerda nem sequer foi começado; e o da margem direita, que pela citada portaria devia ter 120 metros de boca, para dar saida a um grande volume d'aguas e alliviar as mottas do seu peso, foi convertido em um fundo *valleiro*, de 29 metros apenas, de largura ou bocca, a não poder por isso produzir, como de facto não produziu, a tão necessaria e util descarga das aguas, reduzida assim a menos d'uma quarta parte do seu volume! Em quanto ás obras de reparação e reforço de mottas muito pouco se tem feito por não terem os governos de vossa magestade destinado para ellas, verbas sufficientes, apesar de instantemente reclamadas pelos funccionarios a cujo cargo se achavam commettidas essas obras, e pela commissão peticionaria.

Continuam pois as referidas mottas no mesmo estado de fraqueza e ruina em que de ha muito se acham, resultando d'ahi as repetidas quebradas em todos os annos, que só com grandes difficuldades e quasi sempre fóra do tempo, se consegue tapar, não podendo por isso fazer-se a sementeira dos campos na estação propria, e não podendo algumas vezes, o que mais é para lamentar, recolherem-se os fructos já creados quando se antecipam cheias no outomno, como aconteceu ha dois annos e ainda no anno corrente. Para acudir de prompto a remediar tantos e tão grandes males, pede a commissão signataria licença a vossa magestade para lembrar as seguintes providencias da maior e mais urgente necessidade. Em primeiro logar, proceder immediatamente e com a maxima urgencia, á construcção dos dois indicados descarregadores já ordenados; mas executados com as larguras de bocca que lhes foram marcadas. Em segundo logar, fazer a reparação e reforço das mottas do rio em toda a sua extensão.

Em terceiro logar, fazer a limpeza das vallas reaes de cintura ao norte e ao sul dos campos do Mondego, bem como das vallas interiores dos mesmos campos, e com especialidade a da valla da Cova, como tudo já fôra ordenado pelas citadas portarias; mas até hoje não executado ainda, como cumpria.

Todos estes pedidos já fizeram objecto da representação feita pelo congresso de que a commissão peticionaria é delegada, na data de 24 de abril de 1892, e da outra representação d'esta mesma commissão, datada de 24 de julho ultimo preterito. representações essas em que o assumpto foi mais largamente desenvolvido e fundamentado.

Vem a commissão peticionaria, agora, renovar aquelles seus pedidos, cuja justiça os factos se encarregam de comprovar.

Não pode tambem a mesma commissão deixar de chamar respeitosamente a attenção de vossa magestade para um assumpto não menos importante e que está intimamente ligado com o que faz objecto especial da presente representação, qual é o do restabelecimento da circumscripção hydraulica d'esta cidade, o qual já foi instantemente pedido pela mesma commissão, com muitos e bem justificados fundamentos, em 21 de março ultimo preterito. Esta medida, que a rigorosa justiça, o proprio direito dos proprietarios dos campos do Mondege e todas as conveniencias e necessidades locaes reclamam urgentemente, será de grande alcance para que possam, prompta e efficazmente, levar-se a effeito as obras pedidas e outras reclamadas imperiosamente pelas necessidades do momento. *Por tudo isto:*

A commissão peticionaria espera que vossa magestade se dignará attender as suas justissimas supplicas, e

Pede a vossa magestade a graça de deferir-lhe.—E. R. M.

Coimbra, 23 de novembro de 1893.

Presidente — *Francisco Henriques de Sousa Secco, Francisco Antonio Diniz, Antonio Rodrigues Pinto, Pedro Rebello Carneiro, José Maria de Seiça Ferrer, Francisco Maria de Almeida Quadros, Bernardo Antonio d'Oliveira.*

NOTICIAS DO ESTRANGEIRO

São agora mais importantes as noticias que nos chegam de Hespanha. A guerra contra os rifenos deve ter começado já, tendo o exercito hespanhol á sua frente o general Martinez Campos, a primeira espada militar de Hespanha.

As ultimas noticias de Tanger são importantes. Sublevaram-se contra os seus governadores as tribus de Slothiz, da região de Larache. As kabilas limitrophes de Casa Branca estão todas em armas e os mouros do Zoco mostram a maior hostilidade aos hespanhoes, não acceitando até para qualquer transacção a moeda de Hespanha.

O corpo diplomatico reuniu para tratar da questão de Marrocos e acordar nas medidas de prevenção a tomar-se para a defeza da segurança pessoal e dos bens dos cidadãos dos seus respectivos paizes, estabelecidos em Marrocos. Para esta cidade a juntarem-se ao sultão, teem partido varios governadores, levando ricos presentes.

Os pachás continuam por ordem do sultão, alistando forças. N'esta cidade encontra-se o medico chefe do serviço de saude militar, D. Joaquim Cortés. Veiu receber instrucções do representante da Hespanha e breve vae partir a reunir-se á côrte do sultão, onde ha annos exerce o cargo acima referido, sendo muito considerado tanto por Muley Hassan, como pelos magnates da côrte e corpo de exercito. Crê-se que D. Joaquim Cortés está agora incumbido do desempenho de uma missão diplomatica do governo da Hespanha junto ao sultão.

*

A crise do gabinete Sagasta, crise motivada pela insistencia do ministro da guerra em partir para Mellila, afim de tomar o commando das tropas, por occasião das operações definitivas que devem em breve realisar-se, acha-se conjurada. A nomeação do general Martinez Campos, para aquelle honroso cargo desfez as ligeiras dissenções que se tinham levantado no seio do gabinete, e a nomeação do general Martinez Campos, foi geralmente acolhida com applausos de satisfação.

*

Noticias de Melilla dizem que as operações de avançar deviam ter começado ante-hontem, sahindo as forças de uma brigada, commandada pelo general Liñares. Estas forças occuparão posições avançadas entre os fortes e os terrenos de Sidi Guariach. N'aquelle local construir-se-hão trincheiras e um fortim.

Deve ter-se realisado tambem, ou está para muito breve, uma nova entrevista do commandante da praça com o embaixador do sultão.

Continua o vendaval, mas tem-se trabalhado activamente nos fortes. O irmão do sultão escreveu ao general Macias pedindo-lhe a entrada na praça de mouros prudentes e sensatos, o que lhe foi negado terminantemente.

Na madrugada de 24 chegou o vapor *Baldomero Iglezias* com o regimento das Canarias, o qual desembarcou com muitissima difficuldade, por causa do estado do mar e do tempo. Recebeu-se na praça o armamento Mauser para este navio, o *Cuba*, o *Luzon* e o *Temerario*. Foi remettido para a praça todo o cartuchame Remington que existia nos navios, a pedido do general governador.

Devem chegar brevemente a Melilla o regimento de Izabel II e tres baterias de artilheria.

*

Madrid, 27.—A opinião mostra-se tranquilla pela nova phase que tomou a questão de Melilla, applaudindo a resolução do governo em proseguir na campanha contra os mouros.

Julga-se que as operações em Africa terão maior alcance do que a construcção do forte de Aguarich. Mohamd Torres pediu auctorisação ao governo para que o irmão do sultão possa refugiar-se na praça de Melilla se fôr atacado pelos riffenos. O exercito que vae entrar em campanha compôr-se-ha de 20:000 homens, dividido em dois corpos. Para completar o numero, partirão os regimentos de Luchana, Albuera e S. Quintino, da guarnição de Barcelona. Hoje á noite sahem d'aqui para Melilla os caçadores de Porto Rico, dois esquadrões de cavallaria da rainha e cem guardas civis. As operações serão dirigidas pelos generães Martinez Campos, Chinchilla, Primo de Rivera e Macias, e coroneis Bascaran e Aznar. Tão depressa o commandante em chefe inspeccione os trabalhos do campo, começarão as operações.

— Do Rio de Janeiro nada que adiante—tudo na mesma. Apenas que a provincia do Pará se sublevára, mas isso não é *ainda ponto definitivo*, o que seria muito importante se se verificasse.

— Estão em crize os governos de França, de Italia e parece que em Hespanha ha tambem fermento para isso. Se em Portugal a houver, são quatro os paizes em que as crizes ministeriaes se dão quasi ao mesmo tempo.

CARTA DE LISBOA

28 DE NOVEMBRO DE 1893.

Toda a expectativa se fixa na reunião do conselho de ministros que deve verificar-se ámanhã. E' então que ha de decidir-se se teremos ou não dissolução, se teremos ou não modificação ministerial. Dissolução é modo de dizer, porque esse ponto é mais grave, visto que não se sabe ainda o que dirá o conselho d'Estado sobre tão grave caso, nem o que El-Rei fará. Tudo obscuro até este momento. De positivo só ha que a dissolução será proposta. Mas como nem todos os ministros votam por ella, alguns terão de ser antes substituidos. E' isto o que se affirma.

— Continuam as conferencias entre o sr. ministro do reino e os seus delegados de confiança. Os governadores civis d'alguns districtos não descançam, *fervilham* alguns mais que o seu chefe. Agora estão aqui o do Porto e o de Evora e espera-se que voltem outros, e digo que voltem, porque não ha nenhum que tenha deixado de vir aqui já duas e mais vezes. E' que os pobres estão sendo influenciados por um fervilheiro continuo.

— E' positivo que a dissolução é combatida dentro do gabinete pelos srs. Fuschini e Antonio d'Azevedo, devendo por isso declarar-se a crize se a maioria do gabinete persistir em pedir ao throno a dissolução.

— Parece que a Companhia de Panificação vae em breves dias organisar uma cooperativa de consumo, sendo mantidos para os socios que a esta pertençam os actuaes preços de venda com o desconto de 5 p. c. no pão de 40 reis e 10 p. c. no pão de luxo e nas massas e bolachas. Pelas informações que tive, sei que o governo entra na cooperativa com o capital de 120:000$000 reis, correspondentes á divida da mesma companhia á nação. O contracto deve ter sido já assignado, recebendo o governo 12:000 acções ao portador. A ideia do governo é distribuir essas acções pelos empregados publicos que apenas recebem metade dos seus vencimentos, com o fim de poderem minorar a triste sorte de suas familias, obtendo o pão mais barato. Não faltarão pedidos, principalmente nas proximidades das eleições—diz isto e muito bem um collega.

— Amanhã deve votar-se na asciação dos advogados a proposta de que é relator o socio sr. dr. José de Castro, relativa á concessão de uma praça em Cabo Verde para carvoarias, feito pelo ministerio da marinha, no uso do art. 15.º do Acto Addicional. A discussão tem sido muito interessante, tendo tomado parte n'ella os socios relator, srs. Hilario Alves, Barbosa de Magalhães e Holtreman. A associação já deliberou que a concessão era legal. Resta agora deliberar se já caducou ou não. A conferencia realisa-se pelas 8 horas da noite na séde da associação, rua dos Correiros n.º 233, á Praça da Figueira.

— O supremo tribunal administrativo tomou, na sua ultima sessão, as seguintes deliberações. Concedeu provimento aos seguintes recursos:

N.º 6:692 recorrente o secretario geral do districto de Bragança e da camara municipal de Villa Nova de Famalicão, recorridos o conselho de districto e Maria da Conceição Sá; n.º 8:503 recorrente o agente do ministerio publico no tribunal administrativo de Bragança, recorrido Manuel do Nascimento Correia, de Carrazeda de Anciães, recorrida a camara municipal de Sever do Vouga.

Negou provimento aos recurso: n.º 8:483 recorrente o agente do ministerio publico no tribunal administrativo de Vianna do Castello, recorrido Manuel Pires de Lima, de Ponte de Barca; n.º 7:108 recorrente o agente do ministerio publico no tribunal administrativo de Castello Branco, recorrida a camara municipal de Castello Branco e Margarida Augusta da Silva; n.º 7:289 recorrente o agente do ministerio publico no tribunal administrativo de Bragança, recorrido Carolino Augusto Alves; n.º 7:225 recorrente o agente do ministerio publico no tribunal administrativo de Vizeu, recorrido Gregorio Nunes; n.º 8:214 recorrente o agente do ministerio publico no tribunal administrativo de Braga, recorrida a camara municipal de Fafe; n.º 8:101 recorrente o agente do ministerio publico no tribunal administrativo de Vianna do Castello, recorrido Cerqueira Marques & C.ª; n.º 8:086 recorrente o agente do ministerio publico no tribunal administrativo de Vianna do Castello, recorrido Bernardino da Costa Pinheiro, de Caminha; n.º 8:652 recorrente Egydio da Costa, recorrida a junta de parochia da freguezia do Rosario, concelho de Lagoa, districto de Ponta Delgada; n.ºs 6:445 e 7:320 recorrente o visconde de Mason de S. Domingos, recorrida a camara municipal de Mertola; n.º 8:686 recorrente o delegado do procurador regio na comarca de Ourique, recorrido José Pereira, de Almodovar; n.º 8:051 recorrente o inspector de fazenda do districto de Coimbra, recorrente Manuel J. Vieira Braga; n.º 8:644 recorrente a camara municipal de Albergaria, recorrido Manuel Maria Mendes Leal, concedido provimento na parte em que mandou pagar os ordenados e negado na parte que considerou professor o recorrido; 6:866 recorrente a Santa Casa da Misericordia do Porto, recorrida a junta fiscal das matrizes no bairro occidental; n.º 8:668 recorrente o delegado do procurador regio de Armamar, recorrido Hermenegildo de Carvalho, da freguezia de Cimbres; n.º 9:216 recorrente o escrivão de fazenda no concelho de Ceia, recorrido Joaquim Monteiro de Pina.

— Foram transferidos, a seu pedido, o escrivão de fazenda de Santa Combadão, Adelino da Costa, para Trancoso; o de Oleiros, Antonio Rolino Fuschini, para Santa Combadão; o de Villa do Porto, Joaquim Vieira Cardoso, para Oleiros.

— Casa a princeza Helena d'Orleans, irmã de Sua Magestade a Rainha D. Amelia, com o Czarewitch, futuro imperador da Russia.

— O agio das libras continua a ser de 1$300 reis.

Y.

NOTICIARIO

Notas da carteira.—Veio hontem a Aveiro, partindo á noite para Lisboa, o nosso querido amigo e illustre deputado da nação, sr. dr. **Barbosa de Magalhães.**

— Regressou a esta cidade o sr. visconde de Balsemão, reassumindo as funcções de governador civil do districto.

— Está actualmente na Barra, d'esta cidade, com tenções de passar alli o inverno o sr. Manuel Gonçalves Santhiago, sua ex.ma esposa e filhos. O honrado proprietario e industrial africanista é alli hospede de seu ex.mo sogro o nosso muito prezado patricio e amigo, sr. Antonio Pereira da Cunha, que possue a melhor casa de habitação d'aquella estação balnear. Que gose alli todas as venturas de que é digno quem tantas virtudes possue é o que muito desejamos.

O sr. Pereira da Cunha partiu ante-hontem para Lisboa. Sua ex.ª foi alli ver as obras do palacio que anda construindo na Avenida, e aviar a sua correspondencia para S. Thomé, voltando depois do dia 6 á sua casa da Barra, onde, com sua ex.ma esposa, genro e netos tenciona demorar-se até abril.

— Faz hoje annos, a ex.ma sr.ª D. Maria dos Prazeres Regalla, digna esposa do nosso illustrado amigo e distincto facultativo d'esta cidade, o sr. dr. Luiz Regalla. Os nossos sinceros parabens.

Desastre lamentavel.—No sabbado passado, succedeu na estação d'esta cidade, um grande desastre ao nosso amigo, o sr. Lourenço Vicente Ferreira, honrado barqueiro e negociante do Alboi. Vinha d'Ovar, no comboyo, e teve a fatal imprudencia de deitar a cabeça de fora perto da *gare* da estação, de modo que foi áttingido pelo braço da bomba, apanhando tal pancada, que o ia prostando, sendo necessario leval o para a sua casa em braços. Sentindo o successo, fazemos votos pelas suas melhoras.

Grande desgraça.—Na segunda-feira proxima, deu-se na Torreira, um facto lamentavel. O barco do arrais Filippe José Tavares, sahio para o mar, com mar picado. No banco, quebra-se-lhe um dos remos, e o barco voltou-se. A gente que o tripulava, que eram 34 homens, ficou sobre as vagas crescidas, agarrando-se uns aos remos, outros ao barco, ás cordas em rolo—ao que poderam—salvando-se todos. Não aconteceu o mesmo, porém, a dois filhos do arrais, um casado e outro solteiro, porque estes, atormentados por alguma pancada que receberam, foram para o fundo, não tornando mais a ser vistos. São incessantemente procurados em toda a linha da costa, mas até este momento, não consta que apparecessem. A desolação na familia e em toda a costa, é grande—é o que é natural que seja, em presença de tão grande desgraça.

O infeliz casado, deixa esposa e quatro filhinhos. Dentro do barco, tinha o sr. arraes Filippe, cinco filhos. Morreram dois, salvaram-se trez.

Ao dorido e a todos os seus enviamos d'aqui a expressão sentida da nossa mais profunda dôr.

O actor Dias.—Falleceu no domingo repentinamente, o popular actor Antonio Dias Guilherme, que tantas vezes enthusiasmou o nosso publico, e que era, em Aveiro, tão applaudido quanto estimado. Representava-se de tarde, no theatro Principe Real, *O Solar dos Barrigas* e o 1.º acto decorria. O actor Dias, muito prasenteiro, desempenhava o seu papel com a *verve* costumada, avolumando até a feição picaresca do personagem, com as exuberancias do seu poderoso talento comico. O publico ria, quando de repente o actor Dias, sem um queixume, sente vergarem-se-lhe as pernas e desfallecer. O actor Santos Mello, ampara-o, evitando assim uma queda irremediavel e, com o auxilio do actor Firmino, transporta-o para o seu camarim. Ninguem suppunha que aquelle accidente tivesse um desenlace fatal, e assim, procurando-se fazer voltar a si o artista, o acto do *Solar dos Barrigas* continuou, sendo Dias substituido no seu papel, pelo actor Pires.

Os symptomas da morte patentearam-se tão rapidamente, que o corpo foi arrefecendo a ponto de em poucos momentos se ter a triste certeza de que nada mais restava alli do que um cadaver. Este facto foi confirmado pelo sr. dr. Simões Figueirinhas, que alli appareceu e que não teve mais do que verificar o passamento. A morte fôra devida a uma hemorrhagia cerebral.

Foi profunda a consternação que este deploravel acontecimento causou no palco. Em todos os rostos se desenhava a afflicção, e as lagrimas humedeciam todas as palpebras.

O actor Taveira, participou ao publico o lutuoso acontecimento que acabava de se dar e que inhibia o espectaculo de proseguir, declarando, ao mesmo tempo, que todas as pessoas que desejassem receber a importancia dos seus bilhetes, se dirigissem ás bilheteiras, onde essas quantias lhes seriam restituidas. Nenhuns espectadores foram reclamar tal restituição. Verificado o obito, o cadaver do actor Dias foi collocado n'uma maca e conduzido pelos bombeiros municipaes, de piquete no theatro, a sua casa, que era proxima d'este, na rua do Bomjardim.

A noticia do fallecimento do distincto artista, espalhou-se rapidamente por toda a cidade, causando em todos o mais profundo pezar, chegando ao resto do paiz com tanta rapidez quão grande foi o sentimento.

O actor Dias, era estimadissimo, não só pelas suas aptidões artisticas, como pelas suas qualidades pessoaes. Fôra pharmaceutico na Figueira da Foz, mas em resultado da sua pronunciada vocação para o theatro, entrára para uma companhia dramatica de provincia, estreiando-se em Coimbra. Foi com essa mesma companhia que esteve no Porto, pela primeira vez. Depois d'isso, de 1871 para 1872, foi escripturado na companhia que funccionava no theatro Baquet, começando a fazer-se notar, sobretudo, desde que desempenhou de um modo magistral o papel do judeu Samuel Waldeck no drama *O juiz*, papel que em Lisboa, era interpretado pelo eminente actor Antonio Pedro.

Nós que tanta vez aqui o saudámos, e a quem nos ligavam os laços de muita sympathia e amizade, pelo seu talento e pelo seu caracter, não podemos deixar de desfolhar aqui as flores singelas da nosssa saudade.

Deus tenha em paz a sua alma.

Fallecimentos.—Falleceu em Coimbra o honrado juiz de direito d'aquella comarca, sr. Francisco d Assis Caldeira Queiroz. O seu funeral foi muito concorrido e isso significa bem a alta consideração que alli se tributava ao illustre finado. Foi victima de um soffrimento na larynge.

— Falleceu tambem na sua casa d'Anadia o sr. Joaquim Affonso Coutinho, grande proprietario alli. O fallecido exerceu por vezes o cargo d'administrador do concelho substituto, sempre com notavel honradez.

A seus ex.mos sobrinhos, enviamos d'aqui a expressão sentida da nossa condolencia.

Leilão.—Ao estabelecimento *Gamellas & Filho*, que, como dissemos, está a liquidar, porque o seu considerado proprietario resolveu retirar-se da vida commercial, tem affluido enorme quantidade de gente, fazendo-se alli compras na verdade baratissimas. O leilão principiou na segunda-feira ultima, e continua até final, em todos os dias, pelas 6 horas da tarde. Aproveitem os nossos leitores emquanto é tempo, pois que não são muitas as occasiões que teem como esta, de comprar muito por pouquissimo dinheiro.

Bombeiros Voluntarios.—A companhia dos bombeiros voluntarios d'esta cidade, tem continuado a fazer exercicios todas as noites no seu quartel, e aos sabbados, cá fora, em alguns edificios publicos e particulares.

Julgamento.—Não terminou ainda o julgamento do dr. Urbino de Freitas, no Porto—julgamento que está assumindo as proporções d'um acontecimento. E' positivo, porem, que o seu termo terá logar ainda na semana presente, pois que já hontem começaram a depôr as testemunhas de defeza.

Trabalho de pesca.—Houve-a no domingo proximo em algumas costas do districto, mas proveitosa apenas para uma das companhias que trabalha em S. Jacintho, que teve um lanço em que fez cerca de 2:800$ reis. As outras não pescaram nada, uma porque a brutalidade senão a maldade d'um arraes, que mais tarde fói ao mar, lhe lançou as cordas sobre a rede e lhe tolheu por isso a pesca que ella continha rasgando-a, e outras porque trabalhando mais pelo sul, onde a sardinha não estava, nada tiraram.

Na segunda-feira o mar não permittiu o trabalho. Hontem esteve bom, mas a pesca desappareceu. Apenas na Costa Nova uma rede tirou cerca de 1:000$000 reis, e as outras nada. E' assim a pesca n'este tempo.

A sardinha do lanço que produziu os 2:800$000 reis tem-se vendido no mercado por 3$000 reis o milheiro. A que hontem se pescou na Costa Nova e do lanço que produziu o 1:000$000 reis, está-se vendendo hoje por 2$800.

Tanto a de domingo como a de hontem era sardinha graúda e boa.

Abbade da Feira.—Sob esta epigraphe o *Feirense* escreve:

«Acaba de ser definitivamente despachado Abbade da fregezia da Feira, o nosso bom amigo e digno parocho encomendado sr. dr. Alberto d'Oliveira e Cunha. Se encontramos n'este despacho motivo para darmos a s. ex.ª os nossos parabens, não temos menor motivo para felicitarmos a freguezia da Feira, por ter definitivamente como pastor um parocho tão illustrado, tão virtuoso e tão distincto. S. ex.ª reune em sí os predicados, hoje raros, de harmonisar o homem sympathico, lhano, affavel, nobre e distincto ao sacerdote rigoroso no cumprimento dos seus deveres parochiaes, zeloso na manutenção do culto, bondoso no exercicio do seu augusto ministerio. S. ex.ª não é só o parocho d'esta freguezia: é o amigo de nós todos, dando-nos exemplos e conselhos salutares, acercando-se dos pequeninos, aos quaes instrue nos mysterios da nossa religião, formando-lhes no coração o amor de Deus, da Patria e da familia. Receba s. ex.ª os nossos sinceros parabens pelo seu despacho, mas receba-os tambem a freguezia da Feira, que déve orgulhar-se **de possuir um parocho modelo.**

A crise

A crise latente no ministerio é como uma doença endemica,desde que os ministerios nephelibatas e extra-partidarios tomaram conta da nau do estado. Palinuros que jámais navegaram em mares procellosos, levam-nos adornado o triste navio, e aqui vamos nós todos á mercê das vagas que nos arrastam n'estas angustiosas horas de viagem aos polos d'uma politica impossivel e insuportavel.

As nossas finanças n'um estado deploravel, o thesouro feito frade mendicante, de porta em porta, os empregados publicos fingindo que vivem, a viação n'um estado deploravel, a administração como todos nós sabemos, e no meio d'este descalabro, falla-se em eleições com a sem cerimonia dos grandes dias festivos!

Isto não pode continuar assim.

Pois o governo,que conhece perfeitamente a crise angustiosa do paiz, que estudou as causas da desgraçada situação da Fazenda Nacional;—o governo que entrou nas camaras, não saudado pelas turbas da nação, mas bem recebido por os deputados progressistas, que até hoje lhe teem dado o seu apoio, lembra-se agora d'um destempero de tal ordem,que não ha nada que justifique?!

De duas uma: ou o governo receia que a opposição lhe peça contas dos desperdicios da Junta do Credito Publico, e dos gastos com as manobras do outomno; ou então quer o sr. ministro do reino fazer um partido seu, para seguir as pizadas do seu antigo antecessor, Lopo Vaz, de saudosa memoria. Mas como fazer esse partido, se o partido regenerador se está esphacelando com estes e outros destemperos e perdendo a aura e as grandes tradicções que o formaram?!

Onde quer ir esse partido? Quer dar força aos partidos contrarios? Quer dar ensejo a que se formem patrulhas? Não se viu já que taes patrulhas eram um contrasenso, um erro politico n'um paiz tão pequeno como o nosso?

Não vimos nós como Fontes chamou aos conselhos da corôa um dos talentos mais robustos da geração moderna, para dar cabo da patrulha constituinte?

E depois... não foi isso um acto politico da sua diplomacia, da sua tactica, e do seu fino criterio? Foi.

Se os que adiram a herança d'aquelle grande homem conhecessem bem o máu caminho que estão trilhando, melhor seria para o paiz.

Não querem. O futuro lhes dirá quão errados foram os seus calculos, e breve esse futuro apparecerá para gloria do partido que temos sempre acompanhado. Sim, o partido progressista, fiel ás suas tradicções, ha-de manter-se no seu posto, desfraldando a bandeira da guerra se fôr preciso, e terçando armas com quem assim o quer deprimir. Sim. Seremos sempre um partido popular, que não nasceu nas cazernas, mas que veio do enthusiasmo do povo, e que pelo povo ha-de morrer.

Aqui estamos, pois, esperando o repto do sr. ministro do reino.

O ANARCHISMO

Sob esta epigraphe, o *Elvense* escreve o artigo que segue e com cujas ideias estamos plenamente d'accordo:

E' um partido? Ninguem de criterio o acceita como tal. E' uma seita que visa fins politicos, baseados na razão, e que para triumphar precisa usar de meios extremos? Tambem não. O que é, pois? E', a nosso ver, uma horda de seres menos dotados do que os seus semelhantes, sem illustração que presidisse ao seu desenvolvimento physico e podesse modificar os maus instinctos com que a natureza os dotou, confundindo a liberdade com a desordem, ou antes a lei natural e positiva das sociedades com as suas paixões levadas ao ultimo excesso do abuso.

Em todas as épocas houve attentados politicos que, se não desculpavam o crime pela fórma como era praticado, attenuavam comtudo a responsabilidade do criminoso, tornando-o á vista da posteridade, senão remido ao menos sympathico.

Foi o que succedeu a D. João I, depois de assassinar o amante da duas vezes adultera D. Leonor Telles, e a D. João II, depois de pelas suas proprias mãos cravar o punhal no seio do duque de Vizeu, em Setubal, quando sabia de fonte segura que cahiria debaixo dos seus golpes se assim não procedesse, ou teria de levantar um cadafalso, ainda mais sinistro do que o d'Evora, para immolar um outro parente que, além de ser seu primo, era tambem seu cunhado.

Desculpam-se os atrozes attentados da revolução franceza, as vinganças de um povo ha seculos opprimido sem piedade, e que n'um momento de cólera e de coragem poude emancipar o mundo, e se a nossa sociedade lamenta em geral os crimes e as vinganças pessoaes que se dão em todas as revoluções, perdôa aos criminosos pelos grandes beneficios que d'alli vieram. Havia alli alguma cousa de sublime, n'aquelle mar de sangue derramado, alguma cousa de santo n'aquelles excessos, e alguma cousa de Deus n'aquelle castigo, porque todos que mataram tiveram a coragem de irem a um por um poisar a sua cabeça debaixo do cutello que tinha decapitado as suas victimas. Os attentados contra Luiz Filippe e Napoleão tinham por alvo supprimir o pretexto d'uma politica tibia que tanto mal causou á França, e que foi causa de os exercitos allemães chegarem a Paris, e quem sabe, se qualquer d'aquelles attentados tivesse tido bom resultado, se a França teria chorado durante largos annos a perda de duas provincias formosissimas, e se a Europa se pouparia a uma guerra de exterminio que todos os politicos anteveem, guerra destruidora e sem quartel. O nihilismo na Russia é uma seita como o carbonarismo, como a maçonaria d'outr'ora, que se reune nas trevas para derrubar o despotismo que opprime o povo moscovita, dar a liberdade aos escravos, a honra ás mulheres e direitos eguaes a todos: os meios de que se serve são maus á face da rasão, mas não são repugnantes deante do fim que pretendem attingir, porque de mais são os meios de todas as epocas e ainda ninguem encontrou outros.

O socialismo manifesta-se pelas grandes greves, que põem em evidencia a lucta do capital e do trabalho, e em que fatalmente um ha de succumbir. No estado actual da civilisação operaria torna-se uma utopia, mas o fundo é racional desde que uma evolução pacifica e lenta se manifeste pela convicção e nunca pelos excessos, evolução que só se póde dar quando as escolas abram a porta aos operarios e industriaes. O republicanismo vive desde longas datas, e ha muitos seculos que foi ensaiado, caindo quasi sempre debaixo do triumpho d'um dictador audaz e feliz; vive na Europa e na America, mas tem o grande defeito de não haver uma barreira para fazer parar as grandes ambições.

Todos estes partidos ou seitas se toleram e acceitam porque teem por fim a victoria d'uma ideia mais ou menos acceitavel, bem como os factos acima narrados para segurança dos partidos que por vezes se veem obrigados a lançar mão de meios que lhes deviam ser defezos. Mas o que não se comprehende é a anarchia! Ninguem sabe aonde se dirige, quaes são os seus fins! São as doutrinas de Proudhon, imaginadas por um cerebro doente e puramente ideal? Não! E' a guerra á burguezia endinheirada? Porque?

E a guerra á sociedade debaixo de uma forma revoltante, é o saque á propriedade, é a destruição implacavel da familia, é o assassinato pelo prazer de ver derramar sangue e lagrimas, é emfim uma horda de bandidos que é preciso exterminar por completo, por todos os meios e por todas as fórmas.

E' impossivel para segurança de todos que haja jornaes que façam as apologias dos crimes de Barcelona, que os governos permittam *meetings* anarchistas. A imprensa de todos os partidos deve encetar uma campanha decedida contra essas escorias da humanidade. A liberdade deve ter os limites que se impõem pela ordem natural, e a tolerancia deve parar quando a sociedade está em perigo de ficar á mercê de malvados e assassinos.

O SR. JOSE DIAS FERREIRA EM 1870 EM CONFRONTO COM O SR. JOSÈ DIAS EM 1892

Por effeito da revolução de 19 de maio de 1870, assumiu o poder o sr. José Dias Ferreira, tomando a gerencia dos negocios do reino, a qual conservou até á queda do ministerio, do qual fazia parte o nobre e liberal marechal Saldanha.

Publicou então (1870) o sr. Dias Ferreira a reforma administrativa, na qual, ao tratar da receita e despeza das juntas de parochia, no art.º 102, n.º 6, determina que faça parte da receita das juntas, o producto das contribuições parochiaes: e no art.º 104 declara que as contribuições parochiaes consistem n'uma percentagem sobre as contribuições geraes do estado.

Ainda mais, as juntas de parochia podiam deixar de votar o necessario para occorrer ás despezas obrigatorias, mas,quando tal procedimento tivessem, lá tinhamos o remedio nas disposições do art. 106.º que diz assim: «Se a junta, no praso marcado pelo conselho de districto, recusar votar a receita necessaria para as despezas obrigatorias, o conselho de districto votará as contribuições indispensaveis, na conformidade das disposições d'este codigo». Decreto de 21 de julho de 1870. Esta reforma foi revogada e de nenhum effeito apenas reunidas as camaras em 1871 Ficou por conseguinte de pé e em pleno vigor o codigo administrativo de 1842, e esse mesmo no art. 325.º determina o seguinte: «Na falta de outros meios a junta de parochia requererá á camara municipal auctorisação para lançar alguma finta ou derrama sobre os parochianos na conformidade do art. 139.º d'este codigo. «A carta de lei de 10 de junho de 1843 estabelece a fórma de taes lançamentos. Em 6 de maio de 1878, sendo ministros do reino o sr. Antonio Rodrigues Sampaio, foi publicada a reforma administrativa, e no codigo respectivo, art. 170.º, n.º 6, declara-se fazer parte da receita das juntas de parochia, o producto das contribuições directas parochiaes, no art. 172.º diz-se que as contribuições parochiaes consistem em uma percentagem sobre as contribuições geraes, predial, pessoal, e industrial.

Ainda em 17 de julho de 1886, foi decretada nova reforma administrativa; era então ministro do reino o ex.m José Luciano de Castro, ministro progressista. N'esse codigo foram dadas maiores attribuições aos corpos administrativos. E com verdade, podemos dizer que a reforma estava em harmonia com as necessidades do serviço publico, e ainda com as idéas e pensamentos da época.

Bem vistas tinham sido essas necessidades por sua ex.ª o sr. José Luciano de Castro; e nem outra cousa era de esperar d'um ministro que tantas provas tem dado da sua intelligencia e tacto governativo. Mas a mania das reformas é uma doença; cada um ministro que vae ao poder, a primeira cousa em que pensa é em reformas, e por ultimo tanto reformam que desorganisam. deixando, na maior parte, tudo em confusão.

Entra o anno de 1892, e sobre ao poder o sr. José Dias Ferreira. Todos confiavam em sua ex.ª; foi bem recebido por gregos e troianos; os partidos politicos depozeram as armas; todos, n'uma palavra, lhe protestaram adhesões. E na verdade, o ministro, que desde 1870, almejava o poder,que então tinha deixado, e que durante a sua passagem por elle tinha dado provas de liberal; o homem que por mais d'uma vez quiz formar partido seu, o jurisconsulto de notavel saber e intelligencia, parecia offerecer garantias seguras, ou pelo menos, como tal havidas, para bem satisfazer a nação n'uma occasião em que tanto carecia de homens de talento, e prudencia.

Infelizmente enganou a todos.

Principia na febre das reformas, e tudo vae desmoronando, deixando os serviços publicos, na sua maxima parte, n'uma completa confusão. Só teve em mira a centralisação de poderes, e os fundos publicos, os quaes pretendeu chamar aos cofres do estado,fossem elles das camaras municipaes com applicação a estradas, ou d'outras corporações com applicação differente.

Vem ainda com a reforma administrativa, decreto de 6 de agosto de 1892, e no art.º 20 estabelece quaes as despezas obrigatorias das juntas de parochia, deixando-lhes pouco mais ou nada, além das receitas das fabricas das egrejas parochiaes: e por fim, como se de tal se podesse auferir uma grande receita, auctoriza as juntas (art.º 19) a collectar para as despezas da fabrica da egreja parochial, as irmandades e confrarias n'ella erectas, na proporção dos seus rendimentos. De sorte que as juntas de parochia hão de cumprir todos os encargos que lhes impõe o art.º 20, n.ºs 1 a 4, e alem de isso, o de commissão de beneficencia, com a receita da fabrica da egreja, e com o tal lançamento nas receitas das confrarias!! Bem sabia o sr. José Dias que a uma grande parte das parochias, não lhes ficava o sufficiente, para cumprirem as obrigações, que ainda assim, ficam como obrigatorias, e tanto não o ignorava, que do ministerio do reino, foram pedidas ás juntas de parochia, antes da reforma ser publicada, copias dos seus orçamentos dos annos anteriores. Tambem não desconhecia que as confrarias e irmandades não podem, pela exiguidade de sua receita, hoje mais reduzida por effeito da reducção nos juros das inscripções, concorrer para as despezas da parochia; mas a teima era reformar. Temos aqui muito perto uma freguezia, São Lourenço, cuja receita é um fôro de 600 réis, o qual, deduzidas as contribuições, fica em 498 réis; com tal quantia podem ser satisfeitas todas as despezas durante o anno?! Vamos pôr ponto perguntando:

Desconhecia, acaso, o sr. José Dias o art.º 12 do codigo civil, que diz assim: Toda a lei, que reconhece um direito, legitima os meios indispensaveis para o seu exercicio?

De certo que não o ignorava, mas a mania era não reformar sem destruir.

S. S.

A CARTA PASTORAL DO EX.mo REV.mo SR. ARCEBISPO D'EVORA

(Conclusão)

Em todo o caso, o nosso desejo, repetidas vezes manifestado por palavras e por factos, official e particularmente é que o ensino religioso das creanças seja ministrado especialmente pelos parochos. Assim intendemos e declarámos, desde que assumimos o governo d'esta Archidiocese. Logo na primeira instrucção pastoral que publicámos, com data de 14 de fevereiro de 1885, diziamos aos RR. Parochos: «Para conseguirdes este fim, é mister que não descureis o ensino da doutrina christã ás creanças e a explicação do evangelho aos adultos. A cathechese da puericia é uma das vossas mais sagradas e mais proficuas obrigações. O parocho que tiver o condão de se fazer amar e respeitar pelos meninos; que, imitando o Divino Mestre, gostar de se ver rodeado d'elles, e lhes souber alumiar as intelligencias embryonarias e educar os corações tenros; o parocho que conseguir formar e avigorisar na virtude e na piedade aquellas almas juvenis, ainda não manchadas pelo halito do mundo, terá regenerado em alguns annos a sua freguezia e será coberto de bençãos por todos os seus filhos espirituaes».

Desde então até hoje, já fallando, já escrevendo, (1) não temos cessado de exhortar todos que têem cura d'almas, a que attendam com particular sollicitude a este serviço, entre todos momentoso; e raro será o parocho do arcebispado que d'isto não possa dar testimunho.

Quando se effectuou a nossa entrada solemne na Sé d'esta Metropole, saudando os RR. Parochos, dissemos-lhes: «Espero que o vosso zêlo não afrouxará,antes se irá progressivamente *avivando, á medida que vão crescendo* as indigencias espirituaes do povos e subindo de gravidade as circumstancias difficeis em que na actualidade o clero tem de exercer as suas funcções sublimes. E' necessario desbravar os terrenos maninhos da ignorancia religiosa; é urgente contrapôr os erros e preconceitos, que vão alastrando tão largo e lavrando tão fundo, a luz da verdadeira doutrina, a claridade serena da Religião, base da moralidade e condição da felicidade dos individuos e dos povos».

Egual recommendação fizemos por occasião da primeira visita pastoral á nossa Sé no dia 7 d'outubro de 1891.

E já que se nos offerece este ensejo, reiterâmos aqui, com a maior instancia, estas exhortações.

E a todos os parochos d'esta archidiocese mandâmos, em virtude da sancta obediencia que nos devem, que, ao menos nos domingos e dias festivos de preceito, ensinem diligentemente ás creanças d'um e outro sexo de suas respectivas freguezias os rudimentos da fé e a obediencia a Deus e aos paes, —como expressamente determina o sagrado concilio tridentino por estas palavras: «*Iidem (Episcopi) etiam saltem dominicis et aliis festivis diebus pueros in singulis parochiis fidei rudimenta, et obedientiam erga Deum et parentes diligenter ab eis ad quos spectabit, doceri curabunt: et, si opus sit, etiam per censuras ecclesiasticas compellent, non obstantibus privilegiis et consuetudinibus*». (Sess. XXIV, cap. IV, de Ref).

Os muito reverendos vigarios da vara, uma vez por anno, no mez de julho, nos darão conta do modo como é cumprida pelos parochos de seus districtos ecclesiasticos (e por elles mesmos, se tambem forem parochos) esta nossa determinação; e, no caso não esperado de algum não a observar, nos informarão dos motivos d'essa omissão, afim de os apreciarmos como fôr justo, e procedermos segundo as circumstancias aconselharem. O modo como este serviço fôr desempenhado, será por nós tido em muito especial consideração para os devidos effeitos.

Sabemos, com indizivel consolação que alguns RR. Parochos assim o praticam já. A esses os nossos merecidos louvores e cordiaes emboras!

Aos que ainda não começaram, diremos aqui: Eia, capitães do exercito de Christo! Não vos deixeis desalentar pelas difficuldades! Bem sabemos que as circumstancias do tempo e as locaes d'algumas freguezias, de area vastissima e população dispersa, estorvam assás o desempenho d'este encargo; mas tambem não ignorâmos que o zêlo faz prodigios, que o amor de Deus e do proximo tudo supera, que o trabalho aturado e indefesso de tudo triumpha: *Labor omnia vincit improbus*. E, se vos arreceiaes de difficuldades d'outro genero, se temeis que por este motivo vos acoimem de *jezuitas*, só vos lembraremos que os apostolos sentiam inundar-se-lhes o coração de dulcissima alegria, quando Deus os havia por merecedores de soffrerem affrontas pelo nome de Jesus. *Ibant Apostoli gaudentes a conspectu concilii, quoniam digni habiti sunt pro Nomine* Jesu *contumetiam pati*. (Act. V). Sejam quaes forem, portanto, as suggestões, as zombarias, os doestos, as calumnias com que vos pretendam deprimir ou intimidar, tende animo e confiança no Senhor Omnipotente, de quem sois ministros. E' a elle, e não aos homens, que dareis conta de vossas acções. E' a Elle, e não aos homens, que deveis agradar. E' d'Elle, e não dos homens, que recebereis a eterna corôa.

Acima de tudo o dever!

A obrigação de ensinar a doutrina christã não somos nós, que vol-a impomos: é a egreja, e tambem o estado, porque o concilio de Trento é lei do Reino.

Em todas as dioceses de Portugal, da Europa, do mundo catholico é respeitada e cumprida esta obrigação. Sô Evora quererá contrarial-a e impedil a?

Será porventura a doutrina do Christianismo impropria das luzes d'este seculo? Estarão antiquadas, obsoletas as sublimes verdades e os purissimos preceitos que o Homem-Deus evangelizou e estatuiu? Não! Essa Pphilosophia altissima e inegualavel, que abrange o conhecimento mais completo de Deus, do homem e do mundo, ainda hoje sobreexcede, e sobreexcederá immensamente as conquistas da sciencia humana; ainda hoje, como sempre, illumina a jorros os espiritos privilegiados e os genios altaneiros que não deixam rojar no lodo da materia as azas potentes que o Creador lhes deu para se livrarem até á serena região da fé. Ainda hoje, como no tempo de *Jouffroy* o *catecismo* é o livro que encerra as soluções dos mais altos problemas.

Não o negâmos,—dir-se-ha talvez: —nós somos crentes, nós somos catholicos: queremos a doutrina christã,queremos o ensino da Religião; mas sem fanatismo, sem hypocrisia, sem abusos.

Ah! se tal é o vosso desejo, o mesmo desejâmos nós. Tambem nós devemos reprovar, e reprovâmos os excessos do fanatismo; tambem nós devemos repellir, e repellimos os fingimentos da hypocrisia; tambem nós devemos condemnar e condemnamos todos os abusos. O abuso é tanto mais censuravel, quanto mais sancto é o de que se abusa, e quanto mais honesto devia ser quem o commette. Os abusos perpetrados á sombra da religião e pelos ministros d'ella, são pois, os mais execrandos.

Não queremos abusos, não! O que nós queremos, o que nós amamos, o que nós defendemos e defenderemos sempre, até ao extremo alento vital, com o auxilio da divina graça, é a religião sacrosanta que Nosso Senhor Jesus Christo, revellou, e que a egreja, nossa mãe e mestra, propõe e ensina. A religião catholica, e nada mais!

A religião catholica, e nada menos!

Estes são, amados cooperadores e filhos, os nossos sinceros sentimentos; estes os principios que temos desejado *seguir no desempenho da nossa missão* pastoral.

Podemos ter errado, porque o nosso intendimento, é fallivel; podemos ter transgredido os nossos deveres,porque somos peccador; podemos ter, e desgraçadamente temos muitos defeitos e miserias, porque somos homem. Protestamos porém, com toda a energia, com toda a vehemencia de nossa alma, contra as accusações calumniosas que se nos teem feito, inventando e deturpando factos, malsinando as nossas palavras, negando ou disfigurando a verdade mais evidente, deprimindo o nosso caracter,aviltando a nossa dignidade de homem e a nossa auctoridade de prelado.

Protestamos especialmente contra a arguição que se nos faz, de desconsiderarmos o clero oriundo d'este arcebispado: é uma injustiça, que a nossa consciencia repelle, e que alguns factos do nosso governo desmentem. Exhortar o clero parochial a que cumpra com zelo as obrigações do seu ministerio, não é desconsiderar, não é offender ninguem: pelo contrario, é mostrar vivo empenho de levantar o prestigio do clero, que será tanto mais digno de respeito, quanto mais respeitar o seu sagrado caracter. A todos os sacerdotes amamos como pae, e por todos oramos ao Deus da misericordia cada vez que subimos ao altar para offerecer a victima immaculada. Se algum d'elles ou a qualquer outra pessoa, houvermos involuntariamente offendido, não hesitamos em lhe supplicar que nos perdoe, do mesmo modo que perdoamos de todo o coração a todas as pessoas de quem temos recebido offensas e injurias: *Demittite, et demittemini.*

Praza á infinita clemencia, escutar as preces que lhe dirigimos, para que perdoe a todos aquelles que nos ultrajaram, alumie os cegos e converta os transviados!

Confiadamente esperamos que todas as pessoas de recto juizo e sã consciencia, e em particular os ecclesiasticos, fasendo justiça á pureza de nossas intenções e á sinceridade de nossos sentimentos, comprehenderão a necessidade de se empenharem deveras em evitar a repetição de successos tão lastimosos como os que deploramos, e de facilitarem o exercicio de nossa missão espiritual, inteiramente pacifica e consagrada ao bem e aos interesses mais altos dos nossos caros diocesanos.

Persuadam-se todos (que tal é a verdade inconcussa) que a egreja catholica e os seus ministros não aspiram a tyrannizar os povos, não pretendem resuscitar instituições do passado, não odeiam as conquistas gloriosas do genio e da sciencia, não combatem a liberdade e os progressos modernos no que teem de licito e justo, não collidem com qualquer forma de governo, (2) com qualquer constituição politica, uma vez que respeite a justiça e a ordem, a moral e o direito, a lei natural e divina. A egreja catholica e seus ministros, tendo á frente o glorioso pontifice Leão XIII, desejam e promovem (como já dissemos) a verdadeira grandeza, o legitimo progresso e a solida prosperidade dos individuos, das familias, das nações.

São estas as verdades que desejariamos gravar bem n'aquelles espiritos obcecados, que, em vez de escutarem a voz maternal da egreja, se deixam seduzir por falsos prophetas que lhes promettem venturas irrealizaveis em um problematico porvir, e intentam construir sobre as ruinas de tudo que é nobre e justo e sancto e respeitavel, o edificio chimerico d'uma sociedade sem crenças, d'um mundo sem Deus.

Meditem os homens sensatos nos perigos do futuro, e vejam se deve desprezar-se o auxilio da religião e da egreja, (3), se convem empecer a livre acção do clero catholico, se é prudente habituar o povo a desrespeitar os bispos e a vexar com violencias o exercicio da sua missão pastoral.

A nossa missão é de paz e amor: só declaramos guerra ao erro, só odiamos o mal, amando comtudo os homens, aquelles mesmos que seguem o erro e commettem o mal. Combatemos pela verdade, sem todavia pretendermos impol-a pela coacção, nem fazel-a triumphar á custa de violencias ou crueldades. Seguimos a maxima do grande doutor e bispo d'Hippona: *Diligite homines, interficite errores, sine superbia de veritate praesumentes, sine saevitia pro veritate certantes.* (S. Augustin. Contr. Faust., XXXII).

A nossa missão é de paz, e é a paz que desejamos, mas sem quebra dos nossos deveres de prelado catholico: se chegarmos a convencer-nos de que não podemos cumpril-os, abriremos mão do baculo pastoral, e pediremos a Deus que nos conceda algum espaço de tempo para resgatarmos pela oração e pela penitencia as graves culpas com que talvez tenhamos attrahido sobre esta diocese a ira e a maldição divina, em vez das bençãos do Céo.

Não concluiremos sem deixarmos aqui publicamente expressos os mais sinceros e cordiaes agradecimentos não somente ao nosso illustrissimo cabido, que, apenas teve conhecimento do nosso regresso a esta cidade, se apressou a vir pessoalmente dar-nos as boas vindas, significando-nos o seu sentimento pelos desgostos que haviamos soffrido e os seus votos para que elles se não repetissem;—mas tambem ao restante clero do arcebispado que collectiva ou individualmente nos tem enviado protestos e expressões de adhesão e affecto, que muito nos consolam em meio de nossas maguas;—e finalmente a todas as pessoas de quem n'esta occasião temos recebido eguaes provas de consideração e sympathia, que indelevelmente captivam a nossa profunda gratidão.

Esta nossa Carta Pastoral, será registrada na camara ecclesiastica e remettida por copia a todo o clero do nosso arcebispado, devendo-a ler os RR. Parochos á estação da missa conventual no domingo immediato á sua recepção e registar na forma do estylo.

Dada em Evora, no nosso Paço archiepiscopal, sob nosso signal e sêllo de nossas armas, aos 7 de novembro de 1893.

(Logar do sêllo).

Augusto, *Arcebispo d'Evora.*

O Conego Secretario.

Monsenhor Joaquim A. da Fonseca.

---

(1) Veja-se tambem a Nossa Pastoral de 21 de dezembro de 1886.

(2) «Nenhuma das varias formas de governo é reprovada pela egreja, comtanto que sejam em si mesmas adequadas a promover o bem dos cidadãos. Mas a egreja quer, como exige tambem a natureza, que se estabeleçam sem violar os direitos de ninguem, e principalmente ficando intactos os direitos da mesma egreja»,

Leão XIII, Encycl. «Libertas, praestantissimum».

(3) «A egreja por si nunca e de modo nenhum é desamparada de Deus, e por tanto nada tem que temer das iniquidades dos homens; mas as nações, que vão degenerando da virtude christã, não podem contar com a mesma segurança. «O peccado faz miseraveis os povos». (Prov. XIV, 34).—E se todas as edades passadas têem experimentado em si a força e verdade d'esta sentença, porque não havia de experimental-a a nossa? Antes muitos indicios nos advertem que o merecido castigo está sobre nossas cabeças, e a mesma condição dos estados modernos o confirma, pois consumidos de males intestinos vemos nós os mais d'elles, mas em segurança perfeita não vemos nenhum. Se as facções dos máos continuarem com audacia no encetado caminho; se, como com suas más artes e peiores tenções vão grassando, assim chegarem a crescer em poder e influencia, muito é de receiar que venham a demolir pelos fundamentos que a natureza assentou, todo o edificio social».

Leão XIII, Encycl. «Sapientiae Christianae».

Carta circular

D. Antonio Xavier de Sousa Monteiro; por mercê de Deus e da Santa Sé apostolica, bispo de Beja; do conselho de sua magestade, commendador da ordem militar de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, par do reino etc.

Aos R. R. Parochos da nossa Diocese, saude e benção no Senhor

Queridos irmãos e cooperadores!—Entre as diversas funcções do munus parochial, como vós não podeis ignorar, figura em primeira linha a instrução religiosa do povo.

Esta instrucção, como tambem sabeis, é imposta pelos sagrados Canones, e nomeadamente pelo Concilio Tridentino, na Sessão V, cap. II *Reformatione*; Sessão XXIII, cap. I, e Sessão XXIV, cap. IV *De Reformatione*, onde se ordena aos parochos que, pelo menos em todos os domingos e dias de guarda, em suas egrejas, façam instrucções verbaes, proprias para reformar os costumes, e bem assim ensinem aos meninos a doutrina christã e a obediencia a Deus e a seus paes.

Já em 1884 publicámos uma *Carta Pastoral*, recommendando-vos, com muito empenho, o cumprimento d'estas funcções, inherentes ao vosso cargo parochial. Infelizmente,a nossa voz nem de todos foi ouvida, nem attendida! Por isso, novamente vos pedimos, com toda a instancia, que não descureis a inadiavel obrigação de fazer a homilia ao povo e a catechese aos meninos de vossas freguezias, nos domingos e dias de guarda, quando não estiverdes impedidos por doença.

Além d'isto é necessario, que com a maior franqueza vos declare, que o mesmo Concilio de Trento manda aos bispos obrigar os parochos a cumprirem este dever, por meio de censuras ecclesiasticas: e que o decreto de 2 de janeiro de 1862, no § unico do artigo V, muito expressamente diz que, para o provimento dos beneficios ecclesiasticos,é sempre requisito essencial, não sómente o bom comportamento moral, civil e religioso, mas tambem o bom desempenho de quaesquer funcções ecclesiasticas, de que o candidato tenha sido encarregado.

Dizei-nos agora: Tem acaso bom desempenho de funcções ecclesiaticas o parocho, que não faz homilias ao seu povo nem a chatechese aos meninos?... Certamente não.

Ora se o mencionado decreto exige para o candidato ser apresentado em qualquer egreja o bom desempenho de funcções ecclesiasticas, como poderá ser apresentado aquelle parocho que põe de parte as mencionadas funcções?...

Pedimos, pois, com muito empenho a todos aquelles, que porventura não tenham cumprido essas funcções, as cumpram exatamente,meditando e pensando no risco espiritual e temporal, a que estão expostos.

Dada em Beja, sob nosso signal e sello de nossas armas, aos 28 de outubro de 1893.

Antonio Xavier, bispo de Beja.

VINHOS PORTUGUEZES E HESPANHOES

Ultimamente teem sido exportados para o Brazil, muitos vinhos hespanhoes que alli são vendidos como portuguezes. Algumas casas consignatarias do Rio de Janeiro, teem repellido a fraude, que muito prejudica as nossas casas exportádoras do Porto. A este respeito publica o nosso illustre collega do *Commercio*, um notavel artigo, que com a devida venia transcrevemos:

«Por muito notaveis que sejam, como realmente são, as qualidades que distinguem os vinhos portuguezes e por muito accentuada e tradicional que seja a preferencia dada no Brazil aos nossos vinhos—não se pode olhar com indifferença para a competencia que lhes pretendem fazer os vinhos hespanhoes nos mercados brazileiros. Quando legitima, essa concorrencia exige da nossa parte uma activa propaganda a favor dos nossos vinhos; quando illegitima, essa concorrencia exige que se lance mão de todos os meios de repressão, felizmente consignados, como já especificámos, no convenio celebrado em Madrid em abril de 1891. Para demonstrarmos quanto os nossos commerciantes e os nossos vinicultores carecem de estar vigilantes, vamos apresentar alguns dados, que por si só, revelam o empenho que os vinicultores hespanhoes devem ter de crear no Brazil, um grande mercado consumidor para os seus vinhos. No anno de 1891, foram exportados de diversos portos de Hespanha, para o Brazil, as seguintes quantidades de vinhos:

	Quantidade Hectolitros	Valor Pesetas
V. de pasto...	157:197	39:301
Xerez........	162	210
Generoso.....	24	22
	157:383	39:533

A par d'isto, a exportação de vinhos portuguezes para o Brazil, em 1890, foi de 394:187 hectolitros! Em face d'este frisantissimo confronto,acaso poderá assistir-se com impassibilidade ás tentativas feitas para deslocar os vinhos portuguezes da situação lisongeira, que teem sabido occupar no Brazil? Ninguem o poderá affirmar com razão. Todos conhecem as difficuldades que a vinicultura portugueza atravessa, todos sabem os esforços sobrehumanos feitos para reconstruir e manter os nossos vinhedos, todos sabem os cuidados que os processos de vinificação teem merecido especialmente nos ultimos tempos. E, como paga de tantos sacrificios, como premio de tantos esforços, seria licito deixar aniquilar o primeiro mercado consumidor dos nossos vinhos de pasto? Note-se que perigando esta importante fonte de riqueza do paiz, perigariam, em geral, as nossas relações com os mercados brazileiros. Effectivamente, não são hoje muito importantes as relações commerciaes da Hespanha com o Brazil; mas desde que a introducção de vinhos hespanhoes se ampliasse, seriam sacrificadas as nossas antigas relações com aquelle paiz, ao qual nos achamos presos por tantos e tão intimos laços. As estatisticas de navegação,mostram que, no anno de 1891, sahiram dos portos hespanhoes para o Brazil, apenas as eguintes embarcações:

	Lastro	Carga
Nav. nacionaes.....	1	1
Nav. estrangeiros....	13	85
	14	86

Essas embarcações não conduziram mais de 18:000 toneladas de mercadorias; mas, se a exportação de vinhos hespanhoes para aquelle grande Estado sul americano tomar incremento,não tardará que observemos um estado de cousas inteiramente differentes do que registram as estatisticas aduaneiras hespanholas, com grave prejuizo para Portugal e sobretudo para a vinicultura portugueza, um dos mais seguros e mais auspiciosos elementos em que poderemos fundar a nossa rehabilitação economica. Até aqui encaramos a questão pela sua face legitima, sob a feição de uma competencia leal, contra a qual é preciso fazer valer a excellencia dos nossos vinhos e o aprêço tradicional com que elles sempre teem sido colhidos no Brazil. Pela sua parte o governo, que tanto tem onerado a exportação de vinhos com o encarecimento do alcool, imposto sobre as garrafas, etc., tem a seguir em momentos tão criticos um caminho diverso indicado pela força das circumstancias. Se, porém, considerarmos as tentativas feitas para os vinhos hespanhoes entrarem no Brazil como se fossem vinhos procedentes de Portugal, n'este caso não temos a aconselhar a lucta de competencia leal; temos a aconselhar o emprego de medidas repressivas, que ponham termo a uma fraude, que nos póde ser funestissima. O governo tem, n'este caso, um imperioso dever a cumprir e esperamos que o cumpraosem hesitações. A iniciativa dos nossos commerciantes é capaz de arrostar com a lucta da competencia leal; para a lucta da competencia fraudulenta e desleal, para essa o convenio de 1891, cuja assignatura se deve promover sem demora, põe nas mãos do governo armas seguras com que elle deve velar pelo futuro do nosso primeiro commercio, da nossa primeira fonte de riqueza do paiz. Saiba o governo esgrimir com essas armas; mas esgrimir a tempo.

A GRANDE INDUSTRIA

Falla-se agora muito em agricultura. discutem-se de viva voz, por toda a parte, os muitos ramos em que se divide, e escreve-se bastante a seu respeito. Succedem-se os alvitres e os conselhos. Uns fazem lembrar outros. Nem todos serão praticos, mas bom é ouvir tambem os que o não são. Ainda assim aprende-se. Se forem condemnados, não serão seguidos. Este movimento apraz-nos. A industria das nossas industrias-ha de ser sempre esta. Para ella é que nos não falta a materia prima Temos o clima e o solo; temos tradicções vinculadas a milhares de familias, nas quaes teem passado, como legado, de paes a filhos, a enxada e o arado. O que nos tem faltado unicamente tem sido iniciativa, actividade e dinheiro. Em quanto houver inculto um palmo de terra, a nossa missão não estará cumprida. Entristece ver como a producção fica tanto áquem do consumo, sobejando tantos e tão vastos terrenos, que nada produzem, por estarem abandonados.

O melhor do nosso dinheiro sahe-nos todos os annos para fóra do paiz em troca do pão que não temos e podiamos ter de casa, melhor mais nutritivo, e até mais saboroso do que aquelle que importamos. E' bom que o taabalho se distribua por todos os ramos em que se exerce a actividade humana, mas n'essa distribuição deve ter sempre maior quinhão o que corresponde á satisfação das necessidades mais impreteriveis da vida.

Nenhum paiz é ou póde ser para tudo; mas deve assignalar-se cada um n'alguma especialidade. Quando nos tomou de subito a febre delirante do trabalho nacional, só fallavamos das industrias fabris e manufactureiras. Queriamos emancipar-nos de toda a importação, impondo lhe direitos tão pesados, que equivaliam a dizer: «não precisamos de cousa alguma de fóra.» O que nos não lembrava então era que quando pudessemos dispensar o resto, não poderiamos passar sem pão.

As impressões do momento enfraqueceram, como acontece sempre á paixão. A reflexão voltou. Parece que sim, embora ás vezes ameace tornar a ir-se embora. A reflexão reconheceu que o nosso atrazo agricola era imperdoavel. Que devendo distinguir-se cada paiz por um trabalho especial, o nosso não podia engrandecer-se por outro, que não fosse o da cultura da terra. Que se tornavam inacreditaveis as nossas impaciencias pelo apoveitamento das colonias, tendo cá dentro ainda tanto que arrotear.

Até ha pouco, se diziamos «commercio industria e agricultura» era mais por auphonia do que porque de facto estivessem collocados no mesmo *plano esses tres grandes ramos da riqueza* nacional. O agricultor andava como que fugido d'este convivio dos grandes interesses economicos. O mais que lhe diziam era que deixasse a rotina. Cousa muito facil de dizer mas muito difficil de observar. D'este desamparo, d'este isolamento; d'esta falta de concentração das forças da classe, tão numerosa, aliás, resulta o seu desanimo, umas vezes porque a escassez de braços lhe retardava os trabalhos, outra porque a irregularidade das estações lhe inutilisava os esforços, outra porque *as philloxeras*—que tantas teem sido—lhe arrasavam as culturas. Era, pois, de toda a urgencia, que um sopro de vida reanimasse os lavradores, e uma inspiração patriotica—que nem só as dos hymnos o são — voltasse para elles as attenções do paiz. Se os nossos bons desejos nos não illudem— o que tantas vezes succede!—entramos já no periodo da rehabilitação agricola de Portugal. O que importa agora é não arrefecer, não querer tudo de uma vez, não ceder ás primeiras contrariedades, e não sacrificar a questão, tentando resolvel-a com utopias e sonhos. As theorias são excellentes, mas a pratica ainda o é mais, porque a pratica é mais velha, e a velhice tem sempre por si a experiencia, que é a mestra da vida, em tudo e para tudo.

CARTA DE CADIMA

27 DE NOVEMBRO DE 1893.

Sortiu effeito o correctivo por nós applicado no penultimo n.º do *Campeão*. O dorso escalavrado d'uma individualidade—que no dia 16, d'improviso e cynicamente empunhou o scepro d'auctoridade administrativa para desempenhar o triste papel que eu fielmente descrevi e um povo inteiro condemnou;—gotejou sangue ao sentir a ponta do nosso pingalin de critica. Do estado comatoso em que jazia despertou como por encanto, e, acezo em ira, com os olhos chispados de indignação e as maxillas contrahidas horrivelmente, marchou para nós com uma furia verdadeiramente hydrophoba. Não nos era estranho um seu tal despertar, porque já por vezes o temos visto em eguaes condições ao zurzirmos-lhe o nosso azorrague. Esperavamos mesmo toda essa saraivada de improperios, todo esse desenrolar de sandices, porque reconhecemos de sobra que os seus recursos não chegam a mais. Referimonos hoje só a Albino Serrano, largando de mão o outro companheiro, porque este ao menos manifestou ser bem educado e contricto perante o crime imputado.

Aquella personalidade que não costuma aventurar-se ás cavallarias altas das grandes coleras e que abemola sempre o seu palavriado de fadista, appareceu d'esta vez encimando o corcel sombrio das furibundas indignações, e empunhando sarcasticamente uma penna, tentou despejar no campo da imprensa, a nosso respeito e sob o appellido de correspondencia para o *Jornal de Cantanhede*, uma série constante de banalidades que o degradam e aviltam e que condignamente tiveram o destino dos papeis inuteis. Ao termos conhecimento de todo o seu aranzel, que pessoa amiga nos relatou, não ficámos surprehendidos:—já estavamos na brecha de lança em riste promptos a apanhar a *estocada*. Porém que estocada! Uma verdadeira escoria...!

Quem não tem não póde dar. Sabe apenas a linguagem da praça, e *quod natura dat*... Nasceu assim, só a tumba o poderá reformar. Começa elle:

«Ninguem falla senão quem tem quo se lhe diga!»

Ora que terá o inclito Albino Serrano que dizer de nós?! Triste, tristissima condição a dos miseraveis...! Quando se encontram enchafurdados no lodaçal immundo d'uma conducta abandalhada, se ha alguem que humanitariamente os reprehende para que compartilhem do bom regimen da sociedade, eil-os em campo barbaramente, petulantemente, inventando, deturpando, enxovalhando.

Perfeito só Deus. Teremos fragilidades involuntarias, sim, mas não temos crimes. Teremos defeitos, mas defeitos que não maculam o nosso caracter sacerdotal, que não deprimem a nobilissima missão que desempenhamos. Isto não se affirma gratuitamente, prova-se; e prova-se não só com o testemunho oral dos povos de toda esta freguezia, mas tambem com documentos que possuimos do nosso porte em todas as terras por onde temos transitado. Se existe alguem que pense e diga o contrario, surja-me diante e fulmine-me com provas á vista. E' assim que se abalisam os homens de bem, se desmascaram os hypocritas e se apontam os 'tratantes' E demais; não preciso de me justificar contra preversos calumniadores, pois que, presando-me de ser filho extremoso, irmão dedicado, cidadão honesto e clerigo exemplar, predicados estes que os meus protogonistas nunca fundamentadamente destruirão, são suprasufficientes para lhes quebrar a lingua contra os dentes caninos e raivosos com que tentam morder-me. A verdade, pois, é a que relatei, a que um povo inteiro presenciou e a que Albino Serrano pretende occultar. Mas o que tem pilhas de graça é o Albino Serrano arguir-nos no seu aranzel de sermos *um impostor e de não possuirmos eira nem beira!*

Oh! que deshonra, que ameaça terrivel e tenebrosa que deixa o orbe suspenso e a patria em perigo! Não questiono os nossos teres e haveres; governe-se como quizer (mas não assaltando individuos de noute com *caracter de auctoridade* e exigindo-lhes por fim ainda *5 tostões para uma pinga*...!), que nós nos governaremos. E creia que não ficamos zangados com taes objurgatorias. A Jesus Christo tambem chamaram *impostor*; Jesus Christo nunca foi *proprietario nem maior contribuinte* e por essas causas não deixou de ser o melhor dos homens.

E' contrario á minha indole o sésro de vir para a imprensa assoalhar fraquezas alheias, porém Albino Serrano parece que me constrange a isso com as suas farofias de possuidor de muitas *eiras e beiras*... do senhorio. Um conselho, *meu caro amigo*, e olhe que não lhe levo nada por elle. Trabalhe, ganhe honradamente pão para sua esposa e filhinho, revista-se d'aquelles sentimentos nobres de coração que deve albergar um bom marido e um pae modelo e deixe-se de litteratices, deixe-se de nefandos espectaculos, deixe-se de *tiros*, de *balas* e de *buxas* para ser bemquisto por toda a sociedade. Não brinque com quem lhe dispensa a fineza de ainda ter compaixão de si. Regenere-se, reconheça o seu porte e o seu estado, e reconheça tambem que todos esses *tiros*, *balas* e *buxas* com que publicamente tem dito querer brindar-me, não ha duvida alguma de lh'as fazer engulir perante os tribunaes. Olhe que não tenho este desejo, porque a todos os cadimenses gosto de tratar como irmãos.

E agora é que Albino Serrano poderá dizer com razão «*que estou prégando sermões a libertinos*», como disse na correspondencia que enviou para o *Jornal de Cantanhede*. Ainda bem que se conhece e que sabe avaliar o appellido que lhe compete em face do seu ridiculo procedimento.

E por hoje basta. Nós é que—alapardados cá no nosso cantinho, fazendo sempre o mais possivel para que não firam a nossa individualidade as intrigas e furias que por aqui se cruzam no ar,—procuraremos continuar conservando sempre a nossa brilhante feição d'espectador e de chronista recto.

P.ᵉ Moysés Nora.

CADIMA, 26 DE NOVEMBRO DE 1893.

Na noite do dia 25 para 26 do corrente, seria 1 hora depois da meia noite, um grupo de rapazes sahiram da loja do nosso abastado proprietario, sr. Antonio José d'Almeida, o qual grupo acima mencionado tambem era composto de José dos Santos Carneirinha, e andaram collocando pedras de mais de 40 kilogrammas pelo meio das ruas para que, quando passassem carros de transito para Cantanhede, se virassem, para no fim fazerem grande algazarra sob o perigo que occorresse aos pobres carreiros. Que corja de malfeitores! Em seguida o José Carneirinha (aquelle que não queria calças das fazendas apprehendidas ás ladras no dia 17), foi á porta de Manuel Pereira e trancou-a com ramos e tranxões (por fóra), que este tinha para plantar, e deitando um bocado de parede abaixo facto pelo qual o Pereira já mandou proceder exame. Que lhe dê um bom ensino não será malfeito, bem assim como a todos os companheiros que tomaram parte n'estas maroteiras.

Albino A. Oliveira.

NOTICIAS DIVERSAS

Enxertias de videiras americanas.—A epoca das plantações e enxertias approxima-se e, que nos conste, até hoje ninguem se lembrou de levar á presença do illustre ministro das obras publicas uma representação d'onde, com seguras decumentações, conte a necessidade de se estabelecer junto á Escola Elementar de Agricultura Pratica, uma escola d'enxertia de cepas americanas, e ainda de tratamento a empregar na creação e desenvolvimento d'estas plantas. A' enorme quantidade de becellos e barbados americanos já plantados e a plantar, correspondem precisamente no periodo mais serio d'estas plantações, a ignorancia e duvidas nas operações d'enxertia, e, o que é peor, a falta de pessoal habilitado para a praticar.

Pois não poderiam os interessados representar no sentido de quanto antes se estabelecer a alludida escola onde fossem enviados e ensinados os capatazes? Não seria producente uma representação das camaras municipaes d'esta região? O contrario parece-nos esquecimento reparavel que redunda em altos prejuizos para viticultura da região. Attendam n'isto.

Carioso.—Em Arrifana, n'uma propriedade que pertenceu ao fallecido sr. Antonio Joaquim de Rezende, existe uma videira cujo tronco mede 91 centimetros de circumferencia!

Salinas.—Sobre o assumpto o *Districto de Leiria* escreve:

Dizia um dos nossos mais distinctos escriptores agricolas, ha pouco fallecido, que as aguas do mar, dos rios, ou dos lagos salgados offereciam ao agricultor que possuisse dominios de terras por ellas banhadas, uma origem de riqueza tal, como a melhor e a mais rendosa agricultura lhe não poderia dar. Alludia principalmente á extracção do sal commum por meio de *marinhas* ou *salinas*. Foram estas sempre consideradas, effectivamente, como uma das mais seguras e productivas propriedades; e o recente tratado commercial com a visinha Hespanha, abrindo-lhe um vasto mercado de consumo, está certamente destinado a fazel-a ainda subir consideravelmente de valor.

Occupa o nosso districto uma vasta extensão de litoral, conta numerosos rios, embora modestos, onde a maré penetra ate maior ou menor extensão, possue finalmente alguns lagos ou lagôas de agua salgada; e todavia em todo o comprimento do littoral não se encontra uma unica salina. E' certo que quasi toda a costa é sobranceira ao mar, e que as terras areentas, e taes são certamente as que predominam nas partes mais baixas da costa, são incapazes de reter as aguas e que finalmente as salinas só ao cabo de bastantes annos se tornam susceptiveis de uma bôa producção.

Nenhuma d'essas circumstancias, porém, é motivo sufficiente para pôr de parte a idéa da sua exploração pela extracção do sal. As extenções do littoral banhadas ou susceptiveis de se fazerem banhar pelo mar ou pelas aguas salgadas dos rios na preamar, dão margem mais que sufficiente para uma longa exploração. Pelo que podemos conjecturar do que temos visto em alguns pontos do littoral, terras, puramente areentas, apresentam, ás vezes, a pouca profundidade, um sob-solo de argilla compacta, com a qual com pouca despeza se poderiam revestir os taboleiros das salinas. Finalmente ao cabo de tres annos, já se colhe ás vezes sal branco e perfeitamente puro, e d'ahi por diante a producção vae em regra augmentando e melhorando de qualidade, e finalmente a despeza da construcção e o empate são mais tarde sobejamente compensados por uma avultada percentagem.

Poucos possuem ainda assim o capital preciso para tentar esta exploração em condicções rasoaveis? E' possivel; mas ha modernamente umas instituições que, apesar do descredito que recentes desastres lhe tem acarretado, são ainda assim o mais efficaz instrumento para a realisação das grandes emprezas: são as sociedades ou companhias anonymas.

Porque não ha-de quem dispozer de terreno apropriado, lançar mão d'esse meio? Seria o modo de fazer de cada remediado um socio, e de aproveitar as migalhas de todos.

Mas o sal não é o unico rendimento das marinhas. Sem fallar do sulfato de soda, do sulfato de potassa e de outros productos chimicos que tem larga applicação na industria; bastam as qualidades fertilisadoras das aguas mães e dos seus residuos, para se considerar esta industria como uma das mais proveitosas. Ferreira Lapa chega a dizer que a fecundidade d'aquelles residuos é tal que o possuidor de *salgados* interessaria em estabelecer a industria salineira das aguas, ainda mesmo que houvesse de despresar o primeiro producto d'ellas.

Os acontecimentos do Brazil.—O *Temps* do correio ultimo, publica um artigo intitulado *A revolução do Brazil*. D'este artigo respigamos os seguintes periodos.

«Ha tres mezes que o almirante Mello com a sua esquadra, se acha na bahia do Rio de Janeiro, bombardeando á vontade a capital do Brazil, sendo singularmente lenta a marcha dos acontecimentos. Ao principio parecia inverosimil que uma tal empreza se prolongasse indefinidamente, parecendo entrar na cathegoria d'esses golpes de mão que, se não triumpham logo, são condemnados a uma derrota irremediavel. E' difficil na Europa, quer por causa da distancia, quer por causa da censura rigorosa exercida sobre os despachos do Brazil, fazer uma ideia mesmo aproximativa da marcha dos acontecimentos e do caracter verdadeiro da revolução. Se por um lado a ausencia quasi completa de resultados immediatos depois da tomada de Nicterohy, fazia prever a derrota final do almirante Mello, por outro lado a impotencia do marechal Floriano em limpap a enseada da sua capital, em reconquistar as fortalezrs da bahia, e a propagação da revolta nos Estados do sul eram proprias para fazer crêr na desorganisação gradual do governo repeblicano. Sabia-se que os agentes do presidente se esforçavam em constituir no estrangeiro uma nova frota. Affirmava-se que o almirante Mello se preparava para deixar a bahia do Rio a fim de ir ao encontro d'aquelles navios inimigos, apesar das machinas do *Aquidaban* não estarem em estado de se manter no mar. Em summa, tudo fragmentos de informações, noticias phantasiadas, por detraz das quaes se distinguem os grandes genios do presidente Peixoto, do almirante Mello, do almirante Gama, ou do senador Barbosa. O publico acolhia com toda a fleugma esta longa tragicomedia, apesar de se esperar mais do Brazil após mais de meio seculo da legalidade constitucional, de paz interna, livre do contagio da anarchia que está invadindo os dous unicos estados equilibrados da America do sul, o Chile e o Brazil.

Agora corre o boato de que o almirante Mello se pronunciou a favor da restauração do imperio, proclamando o principe do Gran-Pará. Grande commoção no campo republicano. Associados ou cumplices do almirarte Mello precipitam-se diante dos *reporters* a fim de desmentir aquelle boato. Nada sabemos de preciso, termina o *Temps* Devemos esperar os acontecimentos. Duas circumstancias, todavia, parecem militar a favor do pronunciamento de um imperialista, o almirante Saldanha da Gama; a outra é que decididamente quatro annos de republica parecem não ter aproveitado á saude material e moral do Brazil. O enfermo pretende talvez voltar-se para o outro lado.»

O conflicto hispano-marroquino.—Com relação ás declarações de Sagasta sobre a guerra de Melilla e a que já se referiu o telegrapho, encontramos na *Correspondencia* os seguintes pormenores:

«O mais lamentavel n'esta questão, declarou Sagasta, é a inutilidade da guerra. Que cidade, que territorio poderemos conquistar e conservar como premio da nossa victoria? Nenhum, porque esse territorio de Riff de nada nos serve, e succederá pue quando as tropas dêem volta ao Gurrugú e até acampem n'elle, não encontrarão mouros com quem combater, sem embargo de que, se voltarem, apparecerão de novo os mouros e occuparão as posições d'onde foram desalojados. Sei que está arreigado na opinião o desejo de um castigo energico ás tribus do Riff, mas se n'esse castigo morrerem 20 hespanhoes por 500 mouros, é um castigo que nos sahirá bem caro, pois as vidas dos nossos soldados, esterilmente sacrificados, com nada se pagam. Por bem castigados se pódem dar os mouros, pois já tiveram 300 mortos e 1:000 feridos, além de lhes terem ficado completamente arrazados alguns dos seus aduares.

Uma prova do que téem soffrido, temol-a nas cartas que recebemos de Tanger, Oran e Nemours, nas quaes se diz que os mouros estão muito desalentados e tambem indignados contra nós, porque, dizem, que os nossos soldados disparam-lhes balas envenenadas, crença em que estão por causa do grande numero de feridos que morrem. Com reipeito á lentidão das operações, é necessario considerar que se principiou por fallar em 8:000 homens para as levar a cabo, passando-se d'esse numero a 15:000 e depois a 20:000 e ainda a 30:000 As despesas que isto occasiona é cousa que assusta. Creio que já se têem gasto 60 milhões de pesetas, pois tudo nos custa muito mais que em tempos normaes. O exercito não póde dar um passo sem levar comsigo até a propria agua, pois os mouros atulharam os poços. Comprehenda-se, pois, o quanto esta guerra é ruinosa. Apesar de tudo, terminou Sagasta, tendo em conta as manifestações da opinião e a honra das armas hespanholas, dei ordem ao general Macias para, quando o julgar opportuno, começar as operações em grande escala contra os riffenos. E quanto mais depressa se verificar isto, maior será a satisfação de governo.»

Relativamente ao que se passa em Melilla, os jornaes hespanhoes poucos mais pormenores acrescentam ao que tem participado o telegrapho. Parece que o general Macias se prepara para avançar contra o inimigo, internando-se pelo Riff.

O attentado de Barcelona.—Da capital da Catalunha participam o seguinte:

«Continúam a fazer-se prisões de anarchistas. Ascendem a 200 os que se acham encarcerados. Corre que a justiça ainda desconhece quem poderia ser o author ou authores do execravel attentado do theatro do Liceo, e que espera muito das revelações que possam fazer os anarchistas presos em França.»

O governo allemão espera que se obtenha a cooporação de todos os governos para proceder de commum accordo contra o anarchismo.

A restauração do throno de Hawai e os colleccionadores de sêllos.—Refere o *New-York Herald* que alguns colleccionadores de sêllos, prevendo que o governo provisorio das ilhas de Hawai não poderia durar muito, trataram de monopolisar quasi todos os sêllos emittidos por aquelle governo. Esta especulação, que recorda a que se fez nos Estados-Unidos sobre os sêllos colombinos, está em vesperas de dar o resultado que os monopolisadores calcularam. A restauração da monarchia indigena se não é um facto já, está imminente, e n'este caso os sêllos emittidos pelo governo provisorio não deixarão de subir de valor, visto estarem monopolisados.

Tempestade e sinistro.—Commuicam de Londres que pereceram 134 pessoas por causa dos accidentes produzidos pela tempestade, além dos que morreram no mar e cujo numero é desconhecido. Calcula-se no emtanto que o numero total dos mortos attinja a 200 pelo menos. Em França os temporaes tambem causaram grande numero de victimas, principalmente na classe dos pescadores.

SECÇÃO LITTERARIA

SOMBRAS

PROSAS

DE

A. A. DE LIMA DUQUE

II

NA CAPITAL

...... Lisboa, cidade maldicta, eternamente maldicta, como sombra de mancenilheira em recinto de sêres vivos!

Como é triste para o philosopho que te observa attentamente até á medúlla dos teus ossos carcomidos, contar-te as pustulas mal veladas com farrapos de setim, d'envolta com os mil andrajos da mais hedionda sordidez!

Truão agonisante em esgares de alegre bôbo, palhaço simulando rizos nas contracções da sua dôr, miseravel hypocrita com a fronte adornada de gêmmas preciosas e os pés collóssos algemados em férreas gargalheiras; tu, cidade precíta, offereces aos meus olhos um triste quadro afflicto de loucura e de miseria!

A cada sorriso teu corresponde um oceano de lagrimas; e que pállidos e desbotados são esses sorrisos que desabrocham no teu seio! Bacchante infrene, Messalina do esgôto, tu,—ó capital—, lembras-me uma immensa orgia, onde os convivas se embriagassem em licor envenenado e morressem inconscientes n'uma algazarra alegre.

Essa alegria, terrivelmente funebre como a agonia d'um moribundo, seria bem semelhante aos teus rizos de prostituta que fazem chorar de dó quem te sondar o pulso.

Regorgitam de carruagens brazonadas e custosas equipagens as tuas largas ruas e praças imponentes: e a esses cortejos de vaidade, não poucas vezes accusadores d'uma riqueza egoista ou ostentação ficticia, succedem-se outros cortejos menos vistosos e mais sinceros, mais vulgares e permanentes.

E' o esquife desnudado da Misericordia publica, conduzindo um desgraçado que achou a morte no trabalho com que mantinha os seus: é a carreta sombria dos hospitaes, levando para a ultima morada algumas duzias d'infelizes que a caridade recolhera e que a morte compadecida livrára das agonias d'este mundo: são as ambulancias dos regimentos acarretando para os hospitaes alguns rapazes ha pouco ditosos, e cheios de saude, que as leis de sangue atiraram para este lôdo doentio de Lisboa, que pullula nos quarteis em ondas de podridão: são as esquadras policiaes recolhendo o vicio e o crime a essas cavernas tenebrosas, ante-camaras da tuberculose e do maligno typho, que a sociedade chama casas de correcção, cadeias penitenciarias, Aljube ou Limoeiro.

E' uma triste viuva encanecida que, receiosa das duras leis policiaes sobre a mendicancia publica, estende a furto a mão rugosa por sob os farrapos que lhe pendem dos hombros descarnados e nos diz que morre de fome e meia duzia de creanças, enfezadas e rachiticas, que vegetam no tugúrio miseravel d'essa anciã tão pobre: é um artista, porventura habil, luctando com a crise da falta de trabalho que nos tira timidamente o seu chapeu e nos esmola um triste cobre para a familia, que espera em casa um pouco de pão duro, que lhes engane a fome: é um milhão d'essas desgraçadas, corroidas pela molestia e pelos vicios, sem honra e sem dinheiro, sem pão e sem vergonha, acenando aos transeuntes n'um gesto desesperado de quem aguarda o primeiro vintem para um caldo com que cale por algumas horas as mudas exigencias do estomago vasio: é a pobreza envergonhada de ser pobre, querendo á força remedar a opulencia que lhes foge, nos trajes apparatosos e vida luxuosa e esbarrando a cada passo no crime ou no suicidio, na crápula ou na deshonra!

E' a philantropia dos verdadeiros abastados, nitida em carro d'ouro, visitando com alarde a miseria mais decente, vexando algumas vezes com a esmola o soccorrido sem um vislumbre de caridade, nem um raio d'amor divino no coração.

E' emfim a miscellanea phenomenal dos typos mais oppostos em caracter e educação, amalgamada pelas conveniencias sociaes ou egoismo individual, dando-se o braço reciprocamente n'uma intimidade que nos assombra:—o sabio, o millionario, o grande, o poderoso, o pobre, o rude, o miseravel e o desvalido; o homem de probidade e o ultimo dos sicarios; o joven e o decrépito; o valetudinario e o cheio de vida; o forte e o pussilanime; o heroe e o covarde; o virtuoso e o atheu; o que tudo tem e o que de tudo precisa,—a lapidada pedraria, emfim, e as fezes do vil metal—!

Estudae esses rostos todos; examinae-os a um por um em procissão analytica d'observador profundo:—se alguem sorri, o seu sorriso é como o sol de trovoada, melancholico e sem brilho; pállido como o rizo d'um forçado!

Esse rir expansivo e são, esse symptoma d'uma alegria sem azedume que parte não dos lábios, mas sim do coração, que tantas vezes se vê nos campos, onde as arvores reverdecem e o bom sol de Deus se expraia, não existe dentro dos teus muros, embora brilhantes, ó cidade amaldiçoada, abysmo inexgotavel de crimes e de miseria, d'hypocrisia e devassidão!

Puro no teu seio só existe esse recinto occupado pelos templos, unicos oásis onde o provinciano pode ir retemperar a alma, abatida pelo ambiente d'essa sentina enorme, que se chama a capital dos portuguezes.

Tirem de Lisboa esses sacrarios sublimes e essa cidade ficará um presidio, com todos os horrores d'um hospital e todos os pavores d'um cemiterio: um presidio dourado para alguns, mas sempre presidio;... de loucos e de máus, de ridiculos e de miseraveis!

Até as creanças, esses astros do jubilo mais santo, que condensam dentro em si todo o regosijo immaculado das almas dos eleitos, tem impresso um não sei quê nas faces macilentas, não sei que extranha morbidez no doentio olhar, que compunge e desalenta o exame attento d'ellas.

Frageis arbustos, nascidos para o ar purissimo dos campos e orvalho tónico das serras, alli enfezam n'essa estufa de corrompido ambiente!

E' esse bafo pestilente das viellas, impregnando de miasmas as ruas de Lisboa; é o cheiro indigesto e já corrupto das tabernas e restaurantes, erguidas a cada passo; é esse fétido do vicio e da miseria, subindo das sargetas ás trapeiras desnudadas da indigencia, sem ar e sem confôrto, e descendo, carregado de pútridas exhalações, até aos andares dos elevados palacetes, onde os perfumes mais exquisitos não bastam a vencer-lhe a deletéria força.

Oceano de lôdo onde a curtos intervallos alveja pedra limpa, assim és tu, ó capital, cidade immunda e triste, povoado maldicto, eternamente maldicto como sombra de mancenilheira em recinto de sêres vivos!!........

(Continua).

ANNUNCIOS

JUIZO DE DIREITO

DA

Comarca de Aveiro

ARREMATAÇÃO

POR este juizo, cartorio do escrivão do terceiro officio—Duarte Silva—e nos autos de execução de sentença em que é exequente João Antonio Alves, negociante, d'esta cidade, e executados Antonio Nunes Carrancho Junior, viuvo, por si e como representante de seus filhos menores, do logar e freguezia da Palhaça, vae á praça para ser arrematado, no dia 10 do proximo mez de dezembro, por 11 horas da manhã, nas salas do tribunal judicial d'esta comarca, sito no Largo Municipal, d'esta cidade, o direito que os executados teem sobre os predios descriptos sob os numeros quarenta e sete e sessenta e seis, no inventario a que se procede por obito de Emilia Marques, casada que foi com José dos Santos Polonio, de S. Bernardo, d'esta comarca, e são os seguintes:

Uma terra lavradia sita na Ucha, limite de S. Bernardo, que tem dentro dois fornos de cozer telha, competentes barreiros e duas casas de arrecadação, que paga de fôro annual ao doutor Emilio de Oliveira, do Porto, sessenta e sete litros de trigo gallego e noventa e tres litros e oitocentos mililitros a José Eduardo d'Almeida Vilhena, de Aveiro, avaliada, livre de fôro, em 1:013$160 réis, e

Umas casas terreas sitas nos Santos Martyres, d'esta cidade, que pagam de fôro quatro mil e quatrocentos réis annuaes á Camara Municipal de Aveiro, avaliadas, livre de fôro, em réis 612$000, cujo direito foi liquidado na quantia ne 262$624 réis.

Pelo presente são citados todos os credores incertos.

Aveiro, 21 de novembro de 1893.

O escrivão de direito do 3.º officio,
Antonio Augusto Duarte Silva.

Verifiquei.—O juiz de direito,
Eduardo da Costa e Almeida.

ARREMATAÇÃO

A Camara Municipal do concelho de Anadia, faz publico que, no dia 10 de dezembro, proximo futuro, na villa de Anadia e paços do concelho se hade proceder, pelas 10 horas da manhã, á arrematação de fornecimento de carnes verdes de boi, vacca ou vitella, para consumo dos habitantes do concelho, durante o proximo futuro anno de 1894. O fornecimento será adjudicado, se assim convier.

As condicções da arremação acham-se patentes na Secretaria da Camara, em todos os dias não sanctificados, das 8 horas da manhã ás 2 da tarde.

Anadia, 20 de Novembro de 1893.

O Presidente da Camara,
Barão do Cruzeiro.

VENDE-SE

UM carro de 4 rodas, com tolde de verniz da Russia, com 4 logares dentro e dois fóra, com 2 cadeiras, uma atraz e outra adiante, construido ha pouco tempo na casa Latourette, do Porto. Quem o pretender póde dirigir-se a Antonio José de Freitas Guimarães, de Pardelhas, concelho de Estarreja.

Lavradio fazia parte d'elle, e tambem d'elle fazia parte esse homem virtuoso, cuja sorte nós todos deploramos; esse homem cheio de talento, de saber, e probidade, o meu mestre, e meu amigo, a quem ao menos ainda me foi dado prestar-lhe algum serviço, sendo o primeiro a derramar sobre seu corpo, ainda animado, lagrimas de verdadeira dôr (*apoiado, apoiado*). Malditas guerras civis! (*Apoiados*). Era este, como já mostrei, o estado do paiz, quando em 6 de outubro Sua Magestade me encarregou de formar uma administração.

Sr. presidente, eu não desejo proferir uma unica expressão, que possa ferir a delicadeza dos meus adversarios politicos: pela minha honra affirmo, que não faço allusão a ninguem. A minha inabalavel convicção era, e é, que o estado em que nos achavamos no 1.º de outubro tivesse continuado, não tardaria em se erigir de novo em Portugal o throno do usurpador, a que teria servido de estrado uma reacção ephemera (*apoiados*). Sem esta convicção, sem o vivo amor da patria que me anima; sem a minha dedicação a Sua Magestade e á Sua Dynastia; sem o meu affecto á Carta constitucional, que talvez sem a minha decisão tivesse ficado *lettra morta*, como teria eu comprehendido o golpe do 6 de outubro, a que se tem chamado o mais atrevido golpe do estado, o accommettimento mais audaz, do que não ha memoria nos annaes revolucionarios? Golpe de estado é termo francez: se admittimos a definição que d'elle dá o Diccionario da Academia franceza, que lhe chama golpe util ao bem do estado, não tenho duvida em concordar, que a mudança ministerial de 6 de outubro fosse um golpe de estado; mas não admitto a expressão, ainda quando seja considerada segundo *Montesquieu*, pelo que diz respeito áquella noite. Não, sr. presidente, não houve por certo suspensão de lei no dia 6 de outubro. Carta constitucional não marca a hora, a que devem ser nomeados os ministros da corôa; e tão legaes são as nomeações feitas ás oito horas da noite, como ás da manhã. Em 25 de maio de 1835 passaram das onze horas da noite, quando Sua Magestade demittiu o ministerio, e se dignou encarregar me de formar a nova administração (*apoiados*). To-

das as medidas tomadas n'aquella noite estavam nas attribuições do ministro da guerra; e se me perguntam porque não esperei pelo dia seguinte para as levar a effeito, muito poderia dizer; mas não entrarei n'estes pormenores, porque o meu fim não é irritar, mas socegar os espiritos, e contentar-me-hei em apontar para o Porto. Os acontecimentos que tiveram lugar n'aquella cidade, na noite do 9 de outubro, são a mais completa justificação do que se fez em Lisboa na noite de 6 (*apoiados repetidos*). Mas mesmo n'essa noite, o meu pensamento predominante, a união da familia portugueza, era o meu mais ardente desejo: não quiz reacções. Ao Duque de Palmella offereci, em nome de Sua Magestade, a presidencia do concelho; com o D. Par o sr. conde do Bomfim, instei por mais de uma maneira para continuar no commando da 1.ª divisão militar; ao sr. conde das Antas escrevi pedindo-lhe, que continuasse no commando das provincias do norte. (*O sr. conde das Antas*—Pareceu-me que na carta se não fallava nisso—*O sr. D. da Terceira*—E' verdade que eu levava essa carta do nobre Duque de Saldanha, a quem o D. Par conde do Bomfim pediu que se encarregasse de as entregar ao seu destino). Ao D. Par o sr. conde do Bomfim pedi escrevesse ao sr. conde das Antas, pondo-o ao facto do que se tinha passado, e dizendo lhe que eu instava com s. ex.ª para continuar no commando da 1.ª divisão militar. (*O sr. conde do Bomfim*—O que s. ex.ª acaba de enunciar é exacto; eu dei conta do que se tinha acabado esta administração, e do como tinha sido nomeada outra: mas não fiz mais nenhuma indicação). Vejo-me forçado a descer a individualidades, para provar que o governo não queria reacção. O nobre conde do Bomfim tem tres filhos; seu filho *Luiz* ficou na secretaria da guerra no logar que escolheu; a policia informou o governo, de que no dia seguinte, pelas dez horas da manhã, se devia reunir na *rua da Fé* n.º 52, segundo andar, o filho mais velho do sr. conde, o *sr. José Bento Valdez*, com dous officiaes do batalhão de caçadores n.º 8, para tratarem de sublevar aquelle batalhão; immediatamente escrevi a s. ex.ª, a fim de prevenir seu filho, e evitarmos algum desagradavel acontecimento. S. ex.ª respondeu-

castello de S. Jorge resistira, e que alli estavam reunidos todos os patriotas.

A coincidencia com o annuncio que me tinham feito no Paço; a certeza da organisação dos nossos adversarios em todo o Reino; o conhecimento que no correio geral havia, de ter na madrugada de 7 sahido um expresso para as provincias do norte; e sobre tudo o estado contínuo de revolução por um lado, e pelo outro a existencia de guerrilhas, e o haver-se proclamado *D. Miguel*, foram as causas que decidiram o ministerio a submetter á assignatura de Sua Magestade, no dia 7, o decreto da suspensão das garantias.

O sr. C. de Lavradio—Quanto á expedição do correio, posso affirmar a v. ex.ª que não houve uma só ordem n'esse sentido, em quanto estive no ministerio.

O sr. P. do C. de ministros—A mim assim m'o informaram, e um D. Par que está presente tem igualmente conhecimento d'esse facto.

O sr. C. das Antas—O correio não chegou ao Porto.

O sr. C. de Lavradio—Esta interrupção era absolutamente necessaria. Nenhum correio podia ser expedido sem ordem do ministro dos negocios estrangeiros, ou qualquer outro. Eu declaro que não expedi pessoa nenhuma, nem tive conhecimento de que deixava de ser expedido o correio no dia pela manhã.

O sr. P. do conselho—O D. Par que está presente poderá responder se quizer...

O sr. S. Azevedo—A sahida do correio foi um facto, não se attribuiu ao governo, nem a ministro nenhum, isto não passou por mim, mas foi um facto corrente, e o director do correio esteve suspenso. Entretanto o que creio é, que o correio tinha expedido um expresso dando as noticias, e a isso se attribuiu a suspensão d'aquelle director. Eu ouvi lhe dizer que o não negava que tinha ido o expresso, mas que elle não o mandára; e sei que o sr. ministro dos negocios estrangeiros o suspendeu, apesar do seu caracter, esteve suspenso muito tempo, e não sei se foi reintegrado por s. ex.ª

que dava conta das desconfianças que havia, de que o partido miguelista se revolucionasse alli.

O Barão de Lordêllo, commandante da 5.ª divisão militar, em officio de 15 de agosto de 1846, diz que o administrador do concelho de Montalegre, e o juiz de direito da mesma comarca lhe participaram em data de 11, que se observaram alguns indicios de revolta a favor de D. Miguel.

O Barão da Varzea do Douro, commandante da 2.ª divisão militar, em officio de 16 de agosto de 1846, diz que lhe constava que no concelho de Sanfins, se estava preparando uma guerrilha miguelista.

Dito—em officio de 18 de agosto de 1846, diz que constava, que em Lamego e suas visinhanças, Monte-Mór-Velho, Condeixa, e nas proximidades da Serra da Estrella se havia desenvolvido alguma agitação, por se espalhar a noticia da proxima chegada de D. Miguel.

O Barão de Almargem, commandante da 4.ª divisão militar, em officio de 18 de agosto de 1846, diz que os miguelistas no districto da sua divisão conspiram fortemente, e procuram todos os meios para conseguir os seus fins: que poucos dias antes havia apparecido, percorrendo os concelhos de além do Cávado, um homem, que se dizia vindo de Inglaterra, e o qual fez uma reunião no concelho de Abóim da Nóbrega, aonde concorreram muitos miguelistas.

O ajudante de ordens do conde de Lumiares, Commandante da 7.ª divisão militar, em officio de 22 de agosto de 1846, da parte das diligencias que se fizeram na Villa de Moura, para capturar dous miguelistas que tentavam formar uma guerrilha no termo da mesma Villa.

O conde de Lumiares, dito, em officio de 22 de agosto de 1846, communica algumas providencias que tomou para evitar os projectos dos miguelistas, que segundo suspeitava, tentavam formar guerrilhas.

O capitão Francisco Peixoto, que acompanha um official inglez em commissão na fronteira, escreve de Almeida a

REGIMENTO DE CAVALLARIA N.º 10

O conselho administrativo do dito regimento faz publico que no dia 6 de dezembro de 1893, pelas doze horas do dia, se ha-de proceder á arrematação em hasta publica do estrume produzido pelos solipedes do mesmo regimento durante o anno de 1894.

O deposito provisorio para ser admittido á licitação é de 50$000 réis.

Todas as demais condições se acham patentes na secretaria do conselho administrativo, das 11 horas da manhã á 1 da tarde, todos os dias não sanctificados.

Sala das sessões do conselho administrativo do regimento de cavallaria 10 em Aveiro, aos 26 de novembro de 1893.

O secretario do conselho,
João Vieira Pessoa de Campos.
Tenente de cavallaria 10.

TINTA PENINSULAR

Joaquim dos Santos e Silva, chefe dos trabalhos praticos do Laboratorio Chimico da Universidade de Coimbra, socio effectivo do Instituto de Coimbra e da Sociedade Chimica de Berlim, e socio honorario da Sociedade Pharmaceutica Lusitana; e Charles Lepierre, engenheiro pela Escola de Physica e Chimica Industrial de Paris, professor de Chimica na Escola Industrial de Coimbra e membro da Sociedade Chimica de Paris:

Declaramos que tendo examinado as *tintas de escrever, preta e de copiar*, da fabrica do sr. Alvaro Esteves Castanheira, de Coimbra, e tendo um de nós assistido á sua fabricação, achámos que ellas estão nas condições de poderem substituir as melhores marcas estrangeiras. E podemos accrescentar, que estas *tintas* não criam bolor, como acontece com muitas outras, o que é devido não só ao aceio na sua preparação, mas tambem aos processos inteiramente novos que introduzimos no modo de lhes conservar as suas qualidades primitivas sem prejudicar o resultado final, que consiste em fornecer ao publico um producto sempre da mesma composição e ao mesmo tempo hygienico. Com effeito, sabe-se que um grande numero de tintas estrangeiras são addicionadas de bichloreto de mercurio, antiseptico energico que conserva a tinta, mas que lhe dá propriedades nocivas, pois que este composto é um poderoso veneno, que póde occasionar graves accidentes, visto o costume que as crianças têm ordinariamente de levar a tinta aos labios Estes inconvenientes não podem ter logar com as tintas que examinámos.

Tambem assistimos na mesma fabrica á preparação do **lacre** de differentes côres, e pelos ensaios sobre a sua fusibilidade, a facilidade de combustão sem se tornar preto, etc., comparados com os productos de procedencia estrangeira, ficámos convencidos de que o **lacre** nacional da fabrica do sr. Alvaro E. Castanheira não é inferior em qualidade ao **lacre** estrangeiro.

Finalmente, o nosso exame ainda se estendeu ás *tintas de cores e de marcar roupa, gommas e collas liquidas*, que achámos serem de excellente qualidade, apresentando todas as garantias de perfeita conservação.

E por ser verdade passamos a presente declaração que assignamos. Coimbra, 6 de janeiro de 1893. — (a) *Joaquim dos Santos e Silva*—(a) *Charles Lepierre.* (Segue-se o reconhecimento).

CREADA DE DENTRO

Precisa-se de uma creada para todo o serviço de dentro, incluindo o tratamento de creanças. Prefere-se a que tiver melhores abonações.

N'esta redacção se diz.

INSTRUMENTOS DE ELETRICIDADE

COLLOCAM-SE campainhas eletricas, botões de chamadas, quadro indicador de chamadas, porta-vozes, etc.

Observam-se e concertam-se, todos os instrumentos eletricos de qualquer systema, tanto em Aveiro como fóra d'esta cidade.

Dirigir carta a Antonio Maria Duarte, estação telegrapho-postal—AVEIRO.

CONTRA O MILDIU E O OIDIUM

ENXOFRE ESTACIO

Instrucções e attestados gratis—C.ª portugueza HYGIENE—
Praça de D Pedro, 50, Lisboa

EXTRACTO COMPOSTO DE
Salsaparrilha de Ayer.

EXTRACTO COMPOSTO DE SALSAPARRILHA DE AYER—Para purificar o sangue, limpar o corpo, e cura radical das escrophulas.

PEITORAL DE CEREJA DE AYER—O remedio mais seguro que ha para cura da tosse, bronchite, asthma e tuberculos pulmonares.

O REMEDIO DE AYER CONTRA SEZÕES—Febres intermitentes e biliosas

VIGOR DO CABELLO DE AYER—Impede que o cabello se torne branco e restaura ao cabello grisalho a sua vitalidade e formosura.

Todos os remedios que ficam indicados são altamente concentrados de maneira que sahem baratos, porque um vidro dura muito tempo.

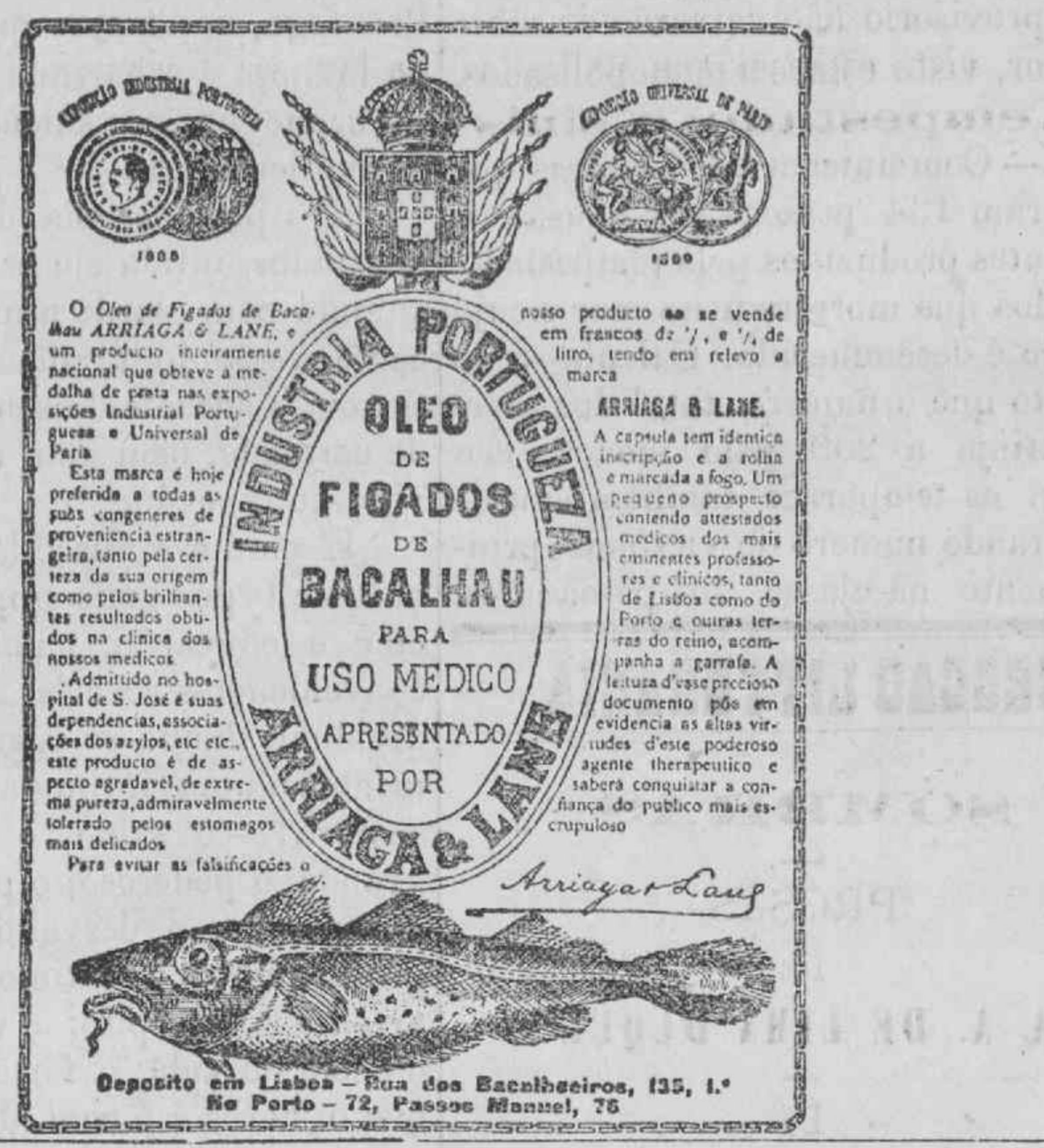
PILULAS CATHARTICAS DE AYER.—O melhor purgativo suave e inteiramente vegetal.

PERFEITO DESINFECTANTE E PURIFICANTE DE JEYÉS, para desinfectar casas e latrinas, tambem é excellente para tirar gordura ou nodoas de roupa, limpar metaes e curar feridas.

Vende-se em todas as principaes pharmacias e drogarias.
—Preço 240 réis.

ACIDO PHOSPHATO DE HORSFORD

Faz uma bebida deliciosa addicionando-lhe apenas agua e assucar; é um excellente substituto de limão e baratissimo, porque um frasco dura muito tempo. Tambem é muito util no tratamento de Indigestão, Nervoso, Dyspepsia e dôr de cabeça. Preço por frasco 700 réis, e por duzia tem abatimento.—Os representantes srs. JAMES CASSELS & C.ª, rua do Mousinho da Silveira,—Porto, dão as formulas aos srs. Facultativos que as requisitarem.


EXPOSIÇÃO INDUSTRIAL PORTUGUEZA
1888
EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE PARIS
1889
INDUSTRIA PORTUGUEZA
ARRIAGA & LANE

OLEO DE FIGADOS DE BACALHAU PARA USO MEDICO APRESENTADO POR ARRIAGA & LANE

O *Oleo de Figados de Bacalhau ARRIAGA & LANE*, e um producto inteiramente nacional que obteve a medalha de prata nas exposições Industrial Portugueza e Universal de Paris

Esta marca é hoje preferida a todas as suas congeneres de proveniencia estrangeira, tanto pela certeza da sua origem como pelos brilhantes resultados obtidos na clinica dos nossos medicos

Admitido no hospital de S. José e suas dependencias, associações dos azylos, etc etc., este producto é de aspecto agradavel, de extrema pureza, admiravelmente tolerado pelos estomagos mais delicados

Para evitar as falsificações o nosso producto so se vende em frascos de ½, e ¼, de litro, tendo em relevo a marca

ARRIAGA & LANE.

A capsula tem identica inscripção e a rolha e marcada a fogo. Um pequeno prospecto contendo attestados medicos dos mais eminentes professores e clinicos, tanto de Lisboa como do Porto e outras terras do reino, acompanha a garrafa. A leitura d'esse precioso documento põe em evidencia as altas virtudes d'este poderoso agente therapeutico e saberá conquistar a confiança do publico mais escrupuloso

Arriaga & Lane

Deposito em Lisboa — Rua dos Bacalhoeiros, 135, 1.º
No Porto — 72, Passos Manuel, 76

BIBLIA SAGRADA-ILLUSTRADA

900 a 1:000 GRAVURAS

PROSPECTO E ESPECIMEN GRATIS

Assignatura 20 réis por fasciculo ou caderneta
180 réis (10 fasciculos)

ESTÁ CONCLUIDO O PRIMEIRO VOLUME

PARA INFORMAÇOES

BIBLIA SAGRADA-ILLUSTRADA
MOUSINHO DA SILVEIRA, 191, 1.º—PORTO
E NAS LIVRARIAS

FABRICA DE PRODUCTOS CHIMICOS
E
PHARMACEUTICOS

RUA 24 DE JULHO, 382,—**LISBOA**

A. DA CUNHA & BASTOS

N'ESTA fabrica preparam-se já os seguintes artigos que vimos recommendar ao publico:

ALGODAO hydrophilo, borico, hemostatico, dito ao (frasco de 100 grammas), io do formado, phenico, salicilado, com sublimado, com thymol.—BRILLANTINE.—CARVAO vegetal lavado, pó, dito frasco de cap. de 250 grammas, dito vegetal granulado, dito frasco de 250 grammas.—CONFEITOS de aloes, brometo de camphora, chloreto de ferro, copahiba, cupahiba e cubebas, ergotino 0,1—lactato de ferro, sulphato de quinino 0,2—EMULSAO de oleo de figados de bacalhau com hyposphosphitos.—Grangêa de semen-contra.—Grãos de Saude, f. de Frank.—GRANULOS antimonio ferruginosos, arseniato de antimonio, arseniato de ferro, arseniato de soda, arseniato de strychinina, granulos strophantus.—YRRIGADOR d'Esmarck.—PILULAS Blaud, Blancard, Wallet, ditas de Wallet prateadas.—PASTILHAS comprimidas em frascos como as inglezas com tampa de metal, em caixas de 12 frascos; de antipyrina 0,25, de bi-carbonato de soda, de bi-carbonato e cocaina, de bi-carbonato e saccharina, de chlorato de potassa, de chlorato de potassa e borax, de carvão e iodol, de carvão e salol, de carvão e naphtal, de cascara sagrada: de coca, de coca e kola, de Guarand, de jalapa composta, de menthol, de sublimado corrosivo, de carvão (f. Belloc (caixa), de chocolate com santonina, de chocolate com santonina e calomelanos. RHUIBARBO granulado (f. Mentel). RHUM E QUINA em frascos do formato Roger e gallet, dito em caixa de 12 frascos. SINAPISMOS caixa de 10 e de 100. (Pode imprimir-se o nome do comprador sem augmento de preço conforme a quantidade).—SEDLITZ granulado kilo, dito em frascos de 250 grammas, formato Chanteaud. VELOUTINE branca ou rosa, caixas modelo Coudray.

Estes preparados recommendam-se pelos bons resultados obtidos, barateza e descontos.

Os annunciantes não tendo a menor duvida da qualidade d'elles, remettem amostras a quem as requitar para a RUA 24 DE JULHO, 382, LISBOA.

GRANDE LIQUIDAÇÃO

JOSÉ DOS SANTOS GAMELLAS & FILHO, retirando da vida commercial, liquidam todos os generos que tem no seu estabelecimento e que constam do seguinte:

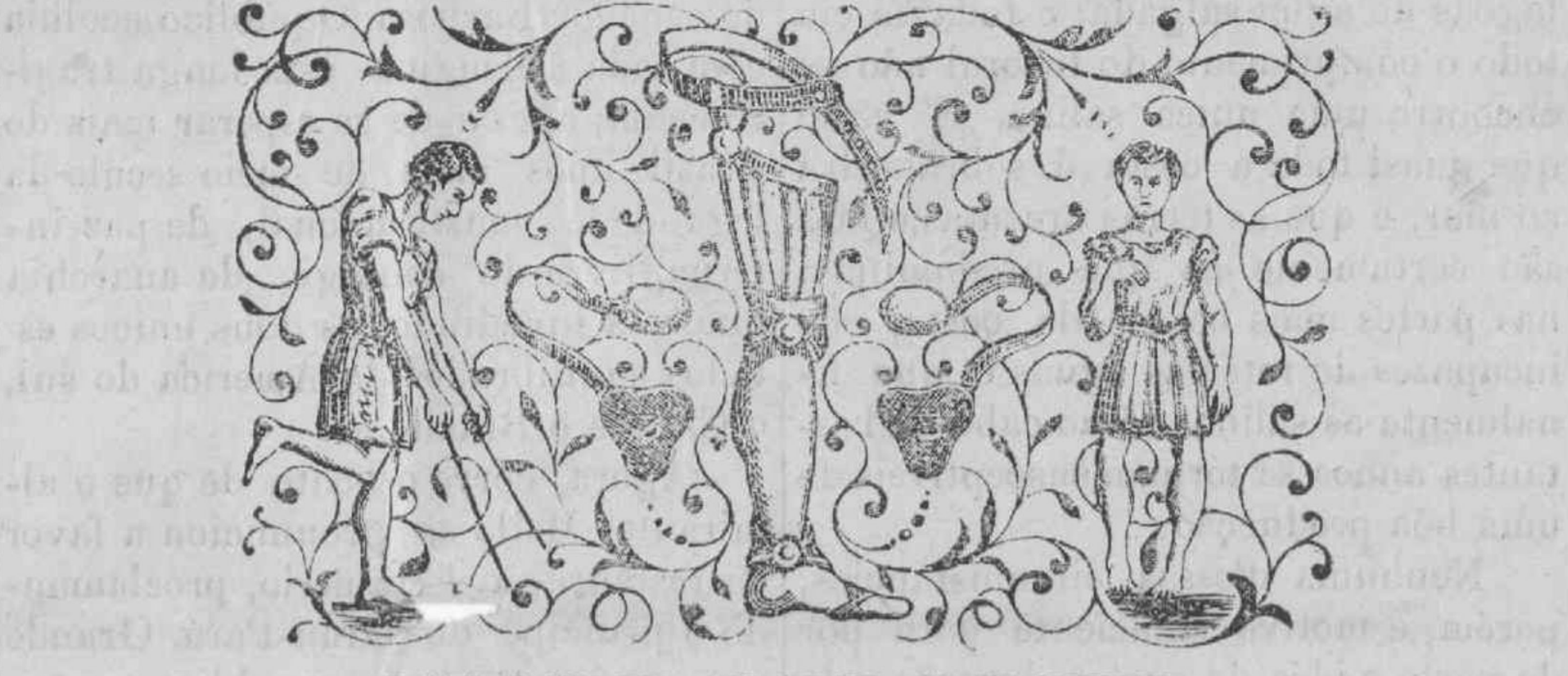
Grande quantidade de vinhos finos nacionaes e estrangeiros, cognacs, licôres, genebra, champagne, aguardente de canna, cervejas nacionaes e estrangeiras, variadissimas qualidades de conservas, bolachas, dôces, massas e farinhas para sôpa e dôce, pássas de Malaga, cartonagens para amendoas, chás, café, arroz, assucares e muitissimos outros artigos que seria impossivel innumerar.

Tambem se vende a armação do estabelecimento e todos os seus pertences, assim como se alluga a loja, casa e armazens, a principiar em 1 de janeiro de 1894.

Avisamos todas as pessoas com quem têmos transacções, a apresentarem-nos as suas contas até 15 de dezembro, para serem devidamente pagas; e avisamos todos os nossos devedores para nos pagarem as suas contas, até ao mesmo dia 12 de dezembro, sob pena de serem obrigados judicialmente, ou as dividas serem vendidas em praça.

Aveiro, 20 de novembro de 1893.

José dos Santos Gamellas & Filho.



UNICO DEPOSITO
DE
FUNDAS NACIONAES E ESTRANGEIRAS
DE
ANTONIO TEIXEIRA DA MOTTA

RUA DE D. PEDRO, 87
PORTO

GRANDE sortimento de todas as classes de **fundas** dos melhores systemas conhecidos, fazendo-se por medida para todas as roturas, cujas necessidades só assim pódem ficar garantidas. Tambem se fazem **fundas** para creanças, curando-se todas, sem ser por milagre, mas só com o uso das **fundas** d'esta casa e o competente exercicio physico. N'este estabelecimento encontra-se um grande sortimento de **cintos umbelicaes e mechanicos,** assim como **meias elasticas, suspensorios escrotais,** etc., etc.

No mesmo estabelecimento faz-se toda a qualidade **d'apparelhos orthopedicos** para todas as deformidades que aparecem no corpo humano e que seja compativel a sua applicação. O systema porque são executados estes **apparelhos e fundas** é bem conhecido dos **ex.mos medicos portuguezes** e de muitos estrangeiros, que os recommendam aos seus pacientes com a maxima confiança.

E como não ha de ser assim, pois que se a digna classe **medica portugueza** viu pela primeira vez fabricados em Portugal, **apparelhos** e **fundas** com perfeição, e satisfazendo aos que soffrem conforme as suas necessidades, devem-n'o unicamente só a mim, sendo o primeiro que ha 32 annos introduzi no paiz o ramo **orthopedista,** fazendo-o sempre acompanhar de todos os melhoramentos e descobertas que tenho feito á custa d'um aturado estudo, e segundo as necessidades que se tem apresentado. N'este ponto nada tenho que receiar, nem invejar dos estrangeiros.

Previno, por isso, os dignos **facultativos** e os meus numerosissimos freguezes para que não confundam o meu estabelecimento com outros de egual genero que ha na mesma rua e cujos proprietarios foram meus officiaes.

Antonio Teixeira da Motta.

GRANDE HOTEL VOUGA

EFFECTUOU-SE no dia 10 de setembro a abertura inaugural d'este magnifico hotel, sem contestação o primeiro da cidade, com explendidos commodos, admiraveis vistas para todos os pontos de Aveiro, e comidas de primeira qualidade, a preços reduzidos, em meza redonda ou separada.

O **Grande Hotel Vouga,** em todas estas condicções, excepcionaes, n'uma terra como esta, vem substituir o antigo *Hotel Aveirense,* em edificio proprio, desde o seu começo feito para um estabelecimento grandioso como este. Tem a todos os comboyos carro na estação do caminho de ferro da cidade, gratuito para os seus freguezes, garantia que nenhum outro offerece tanto aqui como lá fóra. Por todas estas razões, que são na verdade extraordinarias, o **Grande Hotel Vouga** deve ser de preferencia procurado por todos, e assim o espera o seu proprietario, que se não poupa a exforços para eleval-o á altura em que se encontra.

PREGOS D'ARAME

GRANDES DESCONTOS
PARA REVENDER
ENVIA-SE TABELLAS A QUEM AS REQUISITAR
COMPANHIA VICTORIA
Rua das Janellas Verdes
LISBOA

FUNDIÇÃO DO OURO

PORTO

A Fabrica de Fundição do Ouro, fundada em 1864 por Luiz Ferreira de Souza Cruz, seu actual director e gerente, *que foi premiada com as primeiras medalhas na exposição industrial portuense de 1861, sendo uma por distincção; com a medalha de prata na exposição agricola de Braga em 1863; com a medalha de honra na exposição agricola de Lisboa em 1864; com o diploma de merito na exposição Universal de Vienna d'Austria em 1873, e com a medalha de 3.ª classe da Associação Nacional, Agricola, Manufactureira e Commercial de Pariz em 1879*, acha-se hoje extraordinariamente augmentada com importantes machinas para auxilio dos seus trabalhos, e por isso muito habilitada para a construcção de machinas e caldeiras de vapor, tanto para terra como para mar, até á força de 200 cavallos, de qualquer dos systemas mais aperfeiçoados e uteis. Motores hydraulicos, machinas de destilação, prensas para azeite e para vinho, e toda e qualquer obra de ferro fundido ou batido, metal, cobre ou bronze.

Porto, 9 d'outubro de 1893.

ADVOGADO

DR. MANUEL FRANCISCO TEIXEIRA
Rua da Vera-Cruz
AVEIRO

TYPOGRAPHIA

VENDE-SE uma pequena typographia completa. Na typographia d'este jornal se diz quem está encarregado da venda.

As pessôas que conhecem as
PILULAS
DO DOUTOR
DEHAUT
DE PARIS

não hesitam em purgar-se quando precisão Não receiam fastio nem fadiga, porque ao contrario dos outros purgativos, este só obra bem quando é tomado com bons alimentos e bebidas fortificantes, como Vinho, Café, Chá. Quem se purga com estas pilulas póde escolher para tomal-as, a hora e refeição que mais che convier conforme suas occupações. A fadiga do purgativo sendo annullada pelo effeito da bra alimentação, si se decide facilmente a recomeçar tantas vezes quanto for necessario.

5 fr. e 2 fr. 50

Auctorisado pelo Tribunal do Contencioso technico na sessão de 27 de junho de 1893.

LECCIONISTA

JOÃO Maria Pereira Campos Junior, reabriu as suas aulas de instrucção primaria, portuguez e francez, bem como um curso de habilitação para os exames dos candidatos ao magisterio primario.

Todos os alumnos leccionados pelo annunciante obtiveram approvação nas referidas disciplinas.

Admitte alguns alumnos internos de idade até 12 annos.

Morada—Bairro Novo do Rocio—Aveiro.

A' ILLUSTRE CLASSE MEDICA

Roga-se aos ex.mos srs. facultativos do paiz, ilhas adjacentes e ultramar que não tenham recebido o *kalendario agenda* da

COMPANHIA PORTUGUEZA «HYGIENE»

o favor de enviarem os seus endereços ao escriptorio da mesma companhia.

59, Praça de D. Pedro, 1.º—LISBOA

DIRECTOR TECHNICO—**E. ESTACIO**

COMPANHIA PORTUGUEZA HYGIENE

FABRICA A VAPOR DE PRODUCTOS CHIMICOS E PHARMACEUTICOS

CAMPO PEQUENO

ESCRIPTORIO PRAÇA DE D. PEDRO, 59, 1.º
PHARMACIA „ „ „ 60 a 63

Deposito—RUA DO PRINCIPE, 92 A 100
LISBOA

Esta companhia é a **unica** no paiz que fabrica em grande escala es por processos, machinas e apparelhos os mais modernos e aperfeiçoados, grande numero de *preparações e especialidades chimico-pharmaceuticas* em perfeição de acabamento egual ou superior ás simulares d'origem estrangeira, sendo porém as de seu fabrico *garantidas* pela companhia, nos seus componente, tanto em quantidades, como em qualidades e por preços *excessivamente menores.*

Além d'isso a companhia negoceia em todos os artigos que interessam ás classes de *medicina, cirurgia, pharmacia, e chimica*, taes como objectos de cautchouc, apparelhos de laboratorio, etc., sendo pela sua dupla qualidade de fabricante e commerciante em grande escala, a casa *fornecedora mais conveniente e completa de pharmacias, hospitaes, laboratorios chimicos, etc., etc.*

Fornecem-se catalogos e informações a quem as requisite

FILTRO CHAMBERLAND

SYSTEMA PASTEUR

O unico filtro industrial capaz de se oppôr efficazmente á transmissão das doenças pelas aguas destinadas á alimentação. Unico filtro adoptado mediante concurso para o serviço do exercito francez.

(*)

ACADEMIA DAS SCIENCIAS
PREMIO MONTLOION
SEIS MEDALHAS DE HONRA
EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE PARIS DE 1890
UNICA MEDALHA DE OURO
Concedida pela classe de hygiene, conforme consta do catalogo official das recompensas—Classe 64, pagina 4:794

Deposito especial para Portugal, Rua Nova do Almada, 79—Lisboa.

NOTA—Remettem-se catalogos illustrados com os diversos typos de filtros e preços dos mesmos a quem os requisitar.

CAMBISTA TESTA

78, RUA DO ARSENAL, 78

ESTA casa é a que offerece as melhores vantagens em todas as operações de cambio e loterias. Esta casa é a unica que vende os bilhetes da loteria portugueza a 5$000, meios bilhetes a 2$500 e decimos a 500 réis. Basta addicionar ao pedido o porte do correio e dirigir ao cambista José R. Testa.—LISBOA.

DIRECTOR E RESPONSAVEL—*M. F.*
Typographia Aveirense, Largo da Vera-Cruz.—Séde da administração Rua da Vera-Cruz, Aveiro.

---

26 de agosto de 1846, dizendo que o espirito dos povos desde Salvaterra até Almeida é em geral miguelista, (não obstante conservarem-se pacificos) que em Pena-Macor, Sabugal, e Almeida os estancos estão desprovidos de polvora, por ter sido grande ultimamente a affluencia dos compradores—que nas proximas eleições é de receiar que aquelles povos fascinados pelos partidistas de D. Miguel excitem desordens, se não poderem vencer uma eleição de candidatos miguelistas—que o general Povoas, posto que pareça dedicado ao governo e á Carta, se acha em estreitas relações com Ribeiro Saraiva.

O Barão do Almargem, commandante da 4.ª divisão militar, em officio de 24 de agosto de 1846, dá parte de algumas providencias que adoptou, para obstar a revolta miguelista, que era de esperar, attentos os assiduos trabalhos dos conspiradores d'aquella facção, e que effectivamente tinha rebentado no concelho de Aboim da Nóbrega.

Dito—em officio de 27 de agosto de 1846, dá parte dos pontos que percorreu a guerrilha de que trata o officio supra, e das medidas que tomou para a alcançar e extinguir.

O commandante da 8.ª divisão militar, José Pedro Celestino Soares, em officio de 27 de agosto de 1846, participa a deserção de algumas praças de infanteria n.º 8, pertencentes ao contingente que estava em Lagos, alliciadas por um miguelista, e por elle mandadas para o Minho, a apresentarem-se ao Padre Casimiro.

O capitão do Estado Maior, Silverio Henriques Bossa, officia de Braga, em 27 de agosto de 1846, dizendo que os miguelistas tinham feito alguns tiros, a um destacamento de caçadores n.º 3, nas proximidades de Ruivães.

O visconde de Alcobaça, commandante da 3.ª divisão militar, em officio de 28 de agosto de 1846, envia cópia de outro que recebêra do conde das Antas, em que lhe participava, que nas immediações de Barcellos pretendiam alguns malvados, na madrugada de 29, alevantar gritos em favor de D. Miguel.

O conde das Antas officia de Valença, em 5 de setembro de 1846, dizendo que os generaes do Porto e Braga re-

aquelles dous conselheiros de estado não foi obra da revolução do Minho; porque, só tres mezes depois é que alguem se lembrou de fazer aquella exigencia. E muito folguei de ouvir ao sr. conde do Lavradio, que tanto elle como o Duque de Palmella por muito tempo se oppozeram áquella exigencia. A restituição ao conselho de estado d'aquellas duas victimas de um procedimento arbitrario, foi um acto de justiça e de constitucionalidade, que muito me honro de haver referendado (*apoiados*).

A suspensão das garantias no dia 7 é a arma mais forte de que se tem querido servir os inimigos da administração de 6 de outubro, apresentando-a como um acto illegal: facil será provar a injustiça de similhante accusação. Não só pelos extractos das correspondencias dos generaes commandantes das divisões militares com o ministro da guerra, de que já fiz leitura; mas tambem por toda a correspondencia de todas as authoridades administrativas e judiciarias, como tambem pelos documentos apprehendidos na *rua de S. José*; mas muito especialmente por toda a correspondencia apprehendida a *Macdonel*, se prova com toda a evidencia, que o usurpador tinha de novo sido proclamado em algumas terras do Reino; que differentes guerrilhas assolavam o paiz. Nada mais e necessario para justificar a suspensão das garantias. Mas, além disto, o D. Par, o sr. Rodrigo da Fonseca Magalhães tambem aqui nos affirmou, que a revolução continuava mesmo depois da segunda recomposição do ministerio. E ainda mais, sr. presidente (e muito me custa dize-lo): em um dos ultimos dias de setembro de 1846, um alto funccionario publico me disse dentro dos muros do Paço Real—*dizem que se trama contra nós; vejam o que fazem, porque se me dão tempo a escrever uma cartinha para Villa Franca, é o que basta para que a Rainha em poucos dias vá pela barra fóra.*—Este individuo teve o tempo de escrever quantas cartas quiz, e creio que escreveu aquella em que me fallou no Paço, porque no dia 7 de tarde teve o governo a participação de se ter mandado de Villa Franca dizer pelo telegrapho para o Porto, que tinha havido uma revolução em Lisboa contra ao minisrerio; mas que o

me dizendo, que seu filho lhe tinha protestado não ter taes ligações. (*O sr. conde do Bomfim*—E' facto). A outro filho do D. Par, addido á legação de Londres, foi Sua Magestade servida promovê-lo ao lugar de secretario da legação em S. Petersburgo. E peço á camara que note, ter sido em 26 de outubro que Sua Magestade se dignou assignar aquelle decreto. A narração d'estes factos torna evidentemente, qual era a marcha a que o governo se propunha, e por elles se deixa vêr, que effectivamente não queriamos reacções.

Os acontecimentos de 9 de outubro no Porto foram uma verdadeira calamidade nacional. Sr. presidente, a medida não estava completa; a mão do Omnipotente pesava ainda sobre vós. E não terá chegado a hora do desengano? Teremos ainda de vêr os caprichos e as paixões, lançarem-se furiosos sobre o moribundo corpo da Patria, quasi exangue? Ah! se assim continuamos, funesta será inevitavelmente a nossa sorte, e mais cedo ou mais tarde deixaremos de ser contados entre as nações independentes. Corramos um véo sobre o passado; ponhamos de parte preferencias pessoaes; cale-se o egoismo á voz da Patria; desappareçam as revoluções, e a nossa bella Patria será salva.

A proclamação de 6 de outubro era o verdadeiro programma do ministerio que a referendou: eu poderia contentar-me em dizer, que ella era o ramo de oliveira, a bandeira da paz, e que havendo sido rasgada e calcada aos pés pelos nossos adversarios, não era culpa nossa se ella tinha desapparecido (*apoiados muito continuados*). Mas lembrando-me de que os acontecimentos não devem passar debalde, e que mal cabe ao homem publico não fazer d'elles cabedal, affirmarei que a respeito da maior parte dos objectos, que alli se tratam, conservo ainda hoje as mesmas idéas e os mesmos desejos. Sei que se tem querido achar contradicções entre aquella proclamação, e a restituição dos srs. conde de Thomar, e Silva Cabral ao concelho de estado. Não posso porém descobrir nisso a menor contradicção, ainda quando aquella proclamação, em lugar de ser o programma do ministerio de 6 de outubro, fosse o programma da actual administração. A demissão de

ceiavam que nas immediações de Penafiel, se levantassem gritos em favor de D. Miguel.

O Barão da Varzea do Douro, commandante da 2.ª divisão militar, em officio de 9 de setembro de 1846, diz que nas Villas de Monte Mór o Velho, Condeixa, e em outros concelhos se tramava publicamente uma conspiração miguelista fazendo igual communicação a respeito de alguns concelhos á margem esquerda do Douro.

O conde das Antas officia de Braga, em 13 de setembro de 1846, dizendo que quasi todas as authoridades das provincias do norte, eram conformes em assegurar, que nas mesmas provincias se tratava com afinco em formar uma revolta a favor de D. Miguel.

O capitão do Estado Maior, José Osorio de Castro Cabral e Albuquerque, officia de Valença, em 15 de setembro de 1846, dizendo que os agitadores miguelistas vão apparecendo novamente nos concelhos de Melgaço, Valladares, e Monção, vindos de Braga.»

E ainda proseguiu—Sr. presidente, nos ultimos dias de setembro descobriu a policia na *rua de S. José* um deposito de armas e munições, e muitos documentos importantes, que faziam vêr que a conspiração *miguelista* se ramificava em todo o Reino: tal era pois o estado em que o paiz estava pelo que diz respeito aos *miguelistas* no principio de outubro. Agora quanto á situação do governo, a respeito do partido que o sustentava, não serei eu, sr. presidente, que empregue phrases minhas, mas apenas me contentarei com repetir as eloquentes expressões, de que usou o seu mais extrenuo defensor, o D. Par o sr. Rodrigo da Fonseca Magalhães. O governo que existia nos primeiros dias de outubro era, segundo affirmou aquelle D. Par, um governo ao qual se punha a faca aos peitos; um governo que se via obrigado, forçado, a commetter injustiças; um governo ao qual atormentavam angustias dolorosas, ancias mortaes, contra o qual não havia só motivo de queixa, mas crimes de que o accusar. E quem eram os membros desse governo? O nobre Duque de Palmella era o presidente do concelho, o meu amigo e D. Par conde de